





Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**







BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA  
Collecção 1a-12 a 18000 o volume br.

O  
MARTYRIO  
DO  
MIRADENTES  
OU  
FREI JOSÉ DO DESTERRO  
LENDA BRAZILEIRA  
POR  
J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA.

RIO DE JANEIRO  
B. L. GARNIER. — Livreiro editor  
71 — Rua do Ouvidor — 74

1882

# Bibliotheca de Alameda

a 1\$000 o volume brochado e 1\$600 encadernado

Alfredo de Musset. — O segredo de Javotte.....	1 v
— Contos.....	1 v
— Pedro e Camilla.....	1 v
Pires de Almeida — Martyres da vida intima.....	1 v
Jorge Velho. — Folhas silvestres.....	1 v
Albérico Second. — A Viscondessa Alice.....	2 v
Demophilo. — Catholicismo constitucional.....	1 v
J. de Alencar. — Til.....	4 v
Guimarães (Bernardo). — O Indio Affonso.....	1 v
O. Feuillet. — Julia.....	1 v
— Historia de uma parisiense.....	1 v
Duarte Badaó — Fantina.....	1 v
J. Sandeau. — João de Thommeray.....	1 v
Fausto. — A caça de um baronato.....	1 v
— Casamento de tirar o chapéo.....	1 v
— Dois dias de felicidade no campo.....	1 v
— Um provinciano ladino.....	1 v
— Scenas da vida republicana.....	1 v
Kock Junior. — O Bom do Senhor Leitão.....	1 v
— Contos Jocosos.....	1 v
— Um marido por um pé de meia.....	1 v
— O Pandego.....	1 v
Belot — A mulher de fogo.....	2 v
Belot e J. Dautin. — O Matricida.....	2 v
— Dacelard e Lubin, continuação do Matricida.....	2 v
L. F. da Veiga. — Dicionario dos nomes proprios.....	1 v
E. About. — O nariz de um Tabellião.....	1 v
A. Dumas Filho. — Sophia Printemps.....	2 v
P. Kock. — Friquette.....	2 v
— Memorias.....	2 v
— A Casa Pardillon & C.....	2 v
— Carolin.....	3 v
A Assolant. — Confissão de um Badense.....	1 v
— O Doutor Judaszohn.....	1 v
E. Gaboriau — A Vida Infernal.....	6 v
— A Corda na Garganta.....	5 v
Max-Vairey. — Martha.....	3 v
P. Féval. — O Sobrevivente.....	4 v
E. Feydeau. — A Arte de Agradar.....	1 v
X. de Montépin. — O Marido de Margarida.....	2 v
— A Condessa de Nancey.....	2 v
— O Amante de Alice.....	2 v
— O Bigamo.....	4 v
Arsène Houssaye. — Lucia.....	2 v
Fervagues & Bachaumont. — Relande.....	2 v
Guatier. — Avatar.....	1 v
Zaluar (A. B.) Contos da roça.....	2 v



O

# MARTYRIO DO TIRA DENTES

## BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

Collecção in 8º, 3\$ o vol. broc. e 4\$ enc.

*Flammariion* - narração do infinito 1 forte v. in. 8º

— Os mundos imaginarios e os mundos reaes 1 v.

*Prisca* - narração historica do reinado de Claudio primeiro seculo da éra christã 1 v.

Alencar ( J. de ), O Guarany, romance brasileiro, 4ª edição, 2 vol.

Dito, As minas de prata, 3ª ediçã, 3 vol.

Smiles, O character, 2ª edição, 1 vol.

Dito, economia domestica moral ou a felicidade e independencia pelo trabalho e pela economia, 1 vol.

Fernandes Pinheiro, Estudos historicos, 2 vol.

Machado de Assis, Memorias posthumas de Braz Cubas, 1 vol.

Castilho, D. Ignez de Castro, drama, 1 vol.

Macé ( João ), Historia de um bocadinho de pão, cartas de uma menina, ácerca da vida do homem e dos animaes, 1 vol.

Dito, Os servidores do estomago ( continuação do precedente ), 1 vol.

Hugo ( Victor ), Noventa e tres, guerra civil, 1 grosso vol. in 8º

Verne ( Julio ), Vinte mil leguas submarinas, 1 grosso vol.

Dito, O capitão Haterras, 1 vol.

Dito, Um capitão de 15 annos, 1 vol.

Kardec ( Allan ), O livro dos espiritos, 1 vol.

Dito, Livro dos mediuns ou guia dos mediuns e dos evocadores, 1 vol.

Dito, O céu e o inferno ou a justiça divina, 1 vol.

Dito, O Evangelho segundo o espiritismo.

O  
MARTYRIO DO TIRADENTES

OU  
FREI JOSÉ DO DESTERRO

LENDA BRAZILEIRA

POR

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA.



RIO DE JANEIRO  
B. L. GARNIER. — Livreiro editor  
71 — Rua do Ouvidor — 71

—  
1882



# ANTES DE TUDO

LEA-SE !

Acham-se fielmente historiados nesta narração os quatro ultimos dias do desenlace de uma lugubre tragedia, cuja acção começado na capitania de Minas Geraes terminou n'esta cidade, então capital da colonia luso-brazileira.

Escrevi-a sob a fórma de uma lenda. Fiz de frei José do Desterro, personagem historica, o legendario principal, e envolvio-o na peripecia que dei, coroando-a com o espectáculo da inauguração da estatua equestre do fundador do imperio, como brilhante e magestosa apotheosis, por isso que realisou-se na mesma praça em que antes perecera a

victima immolada em holocausto á tyrannia do tempo colonial.

Ha um anachronismo na presença de frei Monte Alverne, que já não existia, mas que *redivivi-o*; ha tambem o seu quês de rapsodico e isto quanto ao somno do philosopho Emenides, quanto ao frade que viveu tresentos annos enlevado pelo canto de um passarinho, do qual falla por duas vezes em suas obras o padre Manoel Bernardes, e quanto ao passaro do paraíso de que trata Schubert no seu conto, que ganhou novo primor na bella imitação de Emilio Souvestre e que tanta sensação causou em França, segundo o testemunho de J. Collin de Placy.

Não será pois para admirar que idéas e palavras de uns e outros se mostrem mais ou menos na minha lenda.

Embora esta confissão desbote as cores mysteriosas da narração, digo-o antes que me digam. Corôe a erudição o quer que haja ahí de plagio, que não é mau expediente, posto que aos olhos de muitos não passarei por original.

A propria originalidade não é mais do que  
uma arvore velha com folhas novas.

Pouco pois fica para a critica, a quem  
sempre é bom arrancar os dentes.

E basta.

Rio de Janeiro, abril de 1878.





O MARTYRIO DO TIRADENTES

OU

FREI JOSÉ DO DESTERRO



# I

## O PRIMEIRO DIA

Era uma hora da manhã de 18 de Abril de 1792 e a cidade do Rio de Janeiro, involta em seu manto de trevas, adormecia nos braços do somno.

O provincial do convento de Santo Antonio frei Raymundo de Pennaforte, que estivera a escrever toda a noite, ouvindo o relógio anunciar o novo dia foi chamar o guardião frei José de Jesus Maria do Desterro.

Sentindo o pobre frade bater na porta de sua sella, pulou sobresaltado de seu duro leito.

— Temos alguma novidade? perguntou o guardião.

— São horas, padre mestre, respondeu o provincial.

— Oh é verdade... é verdade, não tem duvida! exclamou elle esfregando os olhos ainda cheios de somno.

Enfiou o habito, pois estava em camisa e ceroulas; atou aos pés as grosseiras sandalias, envergou o habito e poz á cabeça o chapéo negro de enormes abas e foi bater nas portas de nove cellas do mesmo corredor, em que existia a sua.

Depressa se acharam os franciscanos de pé, grupados no largo e baixo corredor, alumia-dos pelas lamparinas dos lampeões, tendo entre os dedos os seus rozarios.

Coxixavam entre si, querendo cada qual advinhar para onde iriam.

— Reverendo padre guardião, disse o provincial para o padre mestre frei José do Desterro, vamos com esses irmãos á cadeia publica, que temos de cumprir a missão, que nos deixaram os padres jesuitas, de confortar e fortalecer na fé, e consolar na ultima hora os réos que devem ser executados, pois d'aqui ha tres dias tem a lei e a realza de desem-

bainhar a espada da justiça em desaffronta de seus direitos.

Olharam-se todos admirados.\*

— A quem nos devemos apresentar ? perguntou o guardião.

— Ao desembargador Francisco Luiz Alves da Rocha, escrivão da alçada.

E o provincial e o guardião com os nove frades desceram os degraus de duas ou tres escadas, penetraram o alpendre da morte, que circula a grande area ou pateo quadrangular, todo ornado de bonitas capellas e vieram ter a portaria onde um frade de missa, que fôra guardião de um convento de Bom Jesus, dormia a somno solto.

Despertado, abriu o frade o pequeno postigo por onde sahiram um a um.

— Aonde irão elles e a estas horas ? murmurou o frade da portaria

Olhou depois pela ladeira abaixo que estava completamente ás escuras e soltando um suspiro, fechou o postigo e se foi deitar.

---

\* Ligava-se então grande importancia ao cargo de porteiro.

— O que for, murmurou elle, ha de se saber e se não se souber será o mesmo ; paciencia.

D'ahi ha pouco roncava profundamente o ex-guardião.

---

A noite estava escura.

Nem um lampeão suspenso pelas esquinas protestava contra as trevas.

Apenas n'algum nicho encrustado na parede da casa de uma ou outra rua bruxuleava uma lamparina acceza á santa imagem.

Desceram os onze frades a ladeira recitando orações a meia voz, e o ruido de seus passos, e o ruge-ruge de seus habitos, e as suas vozes iam interrompendo o silencio que reinava nas ruas da adormecida cidade de S. Sebastião.

Seguiram pelo largo da Carioca, nesse tempo bastante irregular, aonde se contavam as casas n'um lance de olhos.

Junto a ladeira via-se um sobrado que fôra o hospicio dos franciscanos e a ermida de

Santo Antonio, occupado então pelo desembargador e poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva, e recentemente arrazaado para dar lugar ao novo edificio da typographia nacional e ao alargamento da rua.

De um lado do convento se levantava a casa da Ordem terceira da Penitencia, que não tinha mais do que um andar, e uma ou outra taberna de cada lado.

Via-se ahi uma fonte de agradavel apparencia, construida de pedra marmore lioz de Lisboa e la talhada por encommenda do governador Ayres de Saldanha e Albuquerque, a qual veio enumerada peça por peça de modo que aqui só houve o trabalho da collocação.

E numerava deseseis boccas de bronze.

Era a *Carioca*, celebre em todo o Brazil pela fama de suas aguas, que tinham o condão, como se fossem de nova Castalia, de tornar harmoniosa a voz a quem as bebias, e o milagre, como um cosmetico do Oriente, de aformosear os rostos amaciando a pelle de quem se banhasse nellas.

Foi depois substituída por bruta muralha, molle ou o que sei eu ! de cantaria de granito e ainda assim jáz por concluir ; antes porém que fizessem essa molle levantaram ligeiramente um chafariz de madeira, e por tanto provisorio, o qual comtudo era mais archi-thetonico do que o que havia de substituil-o permanentemente.

Desceram os frades pela rua do Parto ; entraram na de S. José, e dobrando a rua da Misericordia, passaram pelo pelourinho e chegaram a porta da cadêa, edificio de pessima apparencia — se não ridicula ! — occupado presentemente pela Camara dos Deputados, o qual então estava cercado por soldados formados como um muro de bayonetas.

As portas da cadêa se lhes abriram facilmente, e elles penetraram na sala do oratorio que lhes facultou o carcereiro.

Ahi no meio dos soldados com as espingardas embaionetadas, aguardaram os réos que não deviam tardar.

---



De antemão e com todo o lugubre apparatus tinha preparado a justiça desses tempos tenebrosos a sala do oratorio, baixa, abobadada, com as janellas cavadas em grossas paredes, como as baterias de uma casamata.

Emprestava-lhe a religião a sua funebre pompa.

Estava guarneçada de pezado lucto.

Destacava-se do fundo o luctuoso e terrivel altar da morte, tendo por symbolo o madeiro do Golgotha, e pendente delle a imagem ensanguentada do divino mestre.

Iluminavam-ne apenas seis cirios, e o baço clarão que exhalavam, augmentava ainda mais a melancolia do medonho recinto, realçando-lhe o horror.

---

— Quem vem la ? bradou a sentinella.

Era uma escolta que chegava do palacio do vice-rei, e conduzia um homem alto, bastante obeso.

Este homem chamava-se Francisco Antonio

de Oliveira Lopes, coronel de milicias e chefe de numerosa familia.

Ao mesmo tempo despontava na embocadura da rua da Cadêa, hoje da Assembléa, segunda escolta, mais numerosa, que sahira da ordem terceira de S. Francisco da P. A. tencia, guardando cinco presos.

O primeiro, de presença sympathica, era o tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, filho natural do conde de Bobadella.

O segundo, de baixa estatura, claro, faces coradas, olhos azues, e cabellos castanhos que lhe desciam em cahos pelos hombros, era o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, formado em leis, e dado a poesia.

O terceiro e quarto eram o sargento mór Luiz Vaz de Toledo e o capitão José de Rezende Costa, pae.

O quinto era um homem feio, repleto, alto, de olhar espantado, cabellos meios encanecidos, que se chamava Joaquim José da Silva Xavier, porém mais conhecido pela antonomasia de Tiradentes.

Pelo lado da rua Direita, hoje Primeiro de Março, em commemoração da batalha de Aquibadan, despontaram mais duas escoltas

Sahira uma das cadêas da relação e a outra descera da fortaleza de Nossa Senhora da Conceição do Morro.

Um trazia tres presos ; dous jovens e um velho. Este ultimo alquebrado pelos annos e pela molestia—duas doencas— era amparado por um negro que o ajudava a caminhar.

Um dos jovens chamava-se José de Rezende Costa, filho, de agradavel presença, estudante de preparatorios, que vinha encontrar-se com seu pae ; o outro Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, aprendiz de cirurgia ; e o velho Domingos de Abreu Vieira, negociante portuguez e tenente coronel de um corpo de auxiliares da capitania de Minas Geraes. O negro, que lhe servia de bordão, era o seu inseparavel escravo Nicolau, — um amigo — como poucos brancos poderiam sel-o, cheio de abnegação, devotado de peito e alma a seu desgraçado senhor e tão captivo como elle.

Um arrastava os ferros da lei, o outro supportava as algemas do destino.

O primeiro pertencia á justiça, o segundo ao fisco.

A outra escolta conduzia dous presos ; ambos nascidos na capitania de Minas Geraes — ambos ainda jovens — ambos formados na Europa.

Eram elles — José Alves Maciel, que depois de estudar em Coimbra percorreu a Inglaterra admirando a sua industria e o seu commercio, — e Domingos Vidal de Barbosa, que formou-se em Montplier e fôra amigo de José da Maia, o estudante do Rio de Janeiro que conferenciara em Paris com Thomaz Jefferson sobre a independencia do Brazil.

---

Recolhidos todos á sala do oratorio, lugubremente ornado com a pompa da morte, viram-se rodeados de carcereiros com caras patibulares e olhos de reprobos, ladeados de meirinhos sempre avidos de escandalos e cer-

cados de soldados—miseros automatos — em cujas mãos transluziam bayonetas, e foram para logo entregues cada um delles aos cuidados dos onze religiosos.

Estava acabrunhados pelo peso de enorme calamidade e, com excepção de um, consideraram-se todos para sempre perdidos.

Trazia-os alli a implacavel justiça que desembainhava a sua formidavel espada em nome da realza offendida, e poucas horas podiam contar de existencia !

A religião, porém, não consentiu que os seus espiritos se conservassem por mais tempo no estado estúpido do abatimento ante o espectáculo do cadafalso.

Era-lhes familiares os religiosos franciscanos pois não poucas vezes os visitaram no carcere duro em que a justiça os segregara do mundo.

Dizem que se prestaram então a um papel ignobil...

Mas agora vinham com o balsamo de suas palavras lhes derramar nos miseros corações a resignação evangelica, mitigar-lhes os

soffrimentos, remoçando-lhes a esperança perdida, convertendo-lhes a cobardia em coragem, e a coragem no estoicismo das grandes almas, preparando-as para o martyrio em nome da lei e para a gloria em nome da posteridade.

—

O provincial frei Raymundo de Pennaforte, puxando o guardião para um canto da sala, onde ambos se sentaram, se poz a coxixar com elle.

— Quanto a mim, meu guardião, dizia o bom do frade a meia voz, tanto esses homens, como a duzia e meia que la ficou nas masmorras, e uns tres que já la foram, são innocentes.

— Eu não o duvido, respondeu frei José do Desterro, pois quanto a mim toda essa tão fallada conjuração jamais passou de uma idéa ou antes de uma hypothese.

— Oito homens, sem nem um sequito, eis ahí os fautores da horrorosa conjuração, da grande conflagração.

Eu não duvido que o desembargador Gonzaga, que o Dr. Claudio, que o tenente coronel Francisco de Paula pensassem la alguma vez seriamente na possibilidade do levante.

« Creio que o coronel Alvarenga, que o vigario Carlos Corrêa, que o padre José da Silva, que o Dr. José Alvares Maciel os apoiaram de todo o coração.

« Sei que o Tiradentes penetrou nos mysterios dos conventiculos, e que por uma ostentação vangloriosa, por um entusiasmo louco, tornou-se por toda a parte o seu propugnador inhabil e fatal.

« Penso que todos os mais não passaram de comparsas, os quaes nem sabiam o papel que representavam, e que só pela dureza da legislação foram introduzidos neste drama lugubre.

— E' esse o meu parecer, pelo que tenho ouvido de seus proprios juizes como dos mesmos presos.

— Esse pobre velho que necessita do braço de seu escravo para se mover ; esse Domingos de Abreu Vieira, que alli vê, era creatu-

ra automatica de Francisco de Paula, e aquelles desgraçados Luiz Vaz e Francisco Antonio, bem como o padre José Lopes tambem o eram de seu proprio irmão vigario de S. José o padre Carlos Corrêa.

« A imprudencia do coronel Francisco Antonio ainda acarretou a perdição de duas victimas obscuras, uma das quaes finou-se na prisão.

— Francisco José de Mello, que falleceu um anno depois do suicidio do Dr. Claudio Manoel da Costa.

— Justamente, meu guardião. Para salvar-se concorreu o Tiradentes para a desgraça do capitão Manoel Joaquim...

— Que tambem já é morto!

— Assim como de Manoel José de Miranda e do ourives Domingos Fernandes; mas não lhe sirva isso de pena.

— Deus o ouça, frei Raymundo.

— Fez ainda a sua levandade outras victimas como o padre Manoel Rodrigues, o piloto João da Costa, o Antonio de Oliveira Lopes,



o Dias da Motta e o cirurgião Salvador do Amaral.

— E esse desgraçado guarda-livros Vicente Vieira da Motta, que era opposto a toda a idéa de levante, e até não era la muito amigo dos *nacionaes do paiz* ?

— E' para ver. E o coronel José Ayres ? o que não tem soffrido somente pela mania de querer passar por poeta ! Fez um soneto, e por isso sequestraram-lhe todos os bens.

— Caro soneto !

— Um pobre Capanema foi injustamente preso por causa de uma ameaça futil que nada tinha que ver com a questão.

— E quem está livre de uma destas ?

— Alli está o Dr. Domingos Vidal de Barbosa a pagar o que fez e o que disse la pela Europa o seu condiscipulo José da Maia que é morto. Aquelle moço tão esbelto, o Dr. José Alvares Maciel, e o padre Luiz Vieira, só tiveram por culpa a paixão com que se davam a leitura da historia da independencia da America ingleza...

— Mas, observou frei José do Desterro com um ligeiro sorriso, não está no *Index* ?

— Olhe, meu guardião, continuou frei Raymundo apontando para um velho e um moço, alli estão os Rezende — pae e filho — que ouviram fallar na creação de uma universidade em Villa Rica e ambos soffreram ; um porque acreditou na tal fundação ; e outro pela obediencia de aguardar a resolução paterna. E o doutor José de Sá e Bittencourt ?

— Já lá está na Bahia, graças ao milagre de Nossa Senhora do Bom Successo...

— Ah tambem sabe da historia das duas arrobas de ouro que gastou a boa tia com a sua liberdade ?

— Foi cousa muito fallada mesmo entre os seus juizes...

— Sómente rosnaram os que roeram o osso. Pois bem esse infeliz jovem teve a triste fatalidade de se parecer com uma das muitas figuras enigmaticas que imaginou o Tiradentes para dizer que possuia muita gente por si e só por isso lá o foram prender na Bahia

com grande publicidade e estrondoso aparato.

— E para julgar a todos esses infelizes por culpas leves ou loucas já se consumiram tres annos ! Fizeram-se sequestros — abriram-se duas devassas, — atulharam-se masmorras, e agora — vae trabalhar o cadafalso — vae correr o sangue — vae...

— Deus se compadeça de tantas miserias e inspire a seus juizes ! disse frei José do Desterro se levantando e se encaminhando para o meio da sala.

Ergueu-se tambem frei Raymundo de Penaforte e seguiu o seu guardião.

---

Ouviram-se os sons plangentes dos sinos do convento de Nossa Senhora do Carmo, alli tão visinho, tão perto da prizão, hoje parte do paço da cidade onde se aponta o quarto — em que falleceu a rainha mãe, — em que pernoitou uma noiva imperial, e as salas em que se hospeda o Instituto historico.

Eram os frades carmelitas que iam para o côro matutino.

Echoaram depois as suas vozes unidas aos sons melodosos do organ, que reboava pelas abobadas da igreja, depois pomposamente elevada a cathgoria de cathedral do imperio.

---

E os presos escutavam no maior silencio.

Afigurava-se a alguns d'entre elles que os sacerdotes entoavam o *De Profundis* a beira da sua sepultura, a qual não passaria de um pequeno leito cedido como esmola pela mão da caridade na valla commum do cemiterio da Misericordia, estabelecido na quasi deserta praia de Santa Luzia — onde o Oceano vinha tambem gemer e morrer, e — onde a justiça erguia permanentemente o cadafalso !

## II

### O SEGUNDO DIA

19 de Abril de 1792.

Amanheceu o dia 19 de Abril do anno de 1792, que era uma quinta feira, tão sombrio e triste como era então a propria cidade do Rio de Janeiro.

Despertou o povo pela manhã surprehendido com os boatos que circulavam.

Correu á cadêa publica e viu-a cercada por muros de bayonetas — espectaculo que reproduziu-se trinta e um annos depois, para uma nova geração !

E notou atravez das grades das janellas a sala do oratorio, e destinguu o altar da morte

pallidamente illuminado por seis velas amareladas.

E previu uma grande desgraça, uma calamidade horrivel.

Apontavam-se os carcereiros, os soldados, os meirinhos e os frades com suas vestimentas negras, como lugubres espectros, rodeando os presos da inconfidencia.

Contavam-se os réos um a um, designando-os pelos seus nomes, e lastimando-se a sua sorte.

Alguns dos espectadores blasfemavam entre dentes ; outros rezavam implorando á misericordia divina.

O sangue innocente ia correr a jorros de cima do patibulo sobre a terra da Cruz.

Segundo a natureza do delicto e a tremenda pena, que lhe era cominada pela legislação ominosa e barbara d'esses tempos inquisitoriaes, deviam realizar-se tremendas execuções.

Não se fallava n'outro assumpto em toda cidade, e notavam-se debuxados nos semblan-

tes os traços da tristeza, as sombras da melancolia, as contracções da dôr.

---

E com tudo era grande a curiosidade do povo.

Perguntava-se baixinho o que havia — o que ia acontecer — o que tinha acontecido — e cada um la impingia a sua noticia, la a commentava à sua conta, conforme a sua opinião.

— São pedreiros livres ou maçons, dizia José Bernardes da Silveira, certo rabula cheio de ronha, que accudia pelo nome de *frade*, que afinal adoptou para ser appellido.

— Mas que diabo fizeram elles? perguntava um tal Cordeiro, criado grave do *Olho de Vidro*, aliás o coronel Camillo Maria Tonelê.

— Não fizeram, queriam fazer um levante quando se publicasse a derrama.

— A derrama? Que diabo é isso lá?

— A derrama, sim, pois a capitania de Minas Geraes paga o imposto do quinto senho-

rial do ouro na razão de cem arrobas por anno, e as dividas não cobradas dos annos traszatos se efavam acerca de quinhentas a seiscentas arrobas ou de tres a quatro mil e tantos contos de reis. E para satisfazer de tal quantia era necessario que cada mineiro entrasse com a quota que lhe fosse taxada, o que se chama — derrama.

— Seiscentas arrobas de ouro ! Já é dinheiro ! Olhe, eu com isto seria um alguém. E o povo pagou toda essa quantia ? Hein ?

— Não, que o visconde de Barbacena suspendeu a derrama e lá se foi a causa do levante.

— E tem estado estes homens presos e vão morrer afinal so porque tiveram essa lembrança ? Pois olhe, eu pensava que tudo isso não passava de pura invenção do Visconde de Barbacena para perder a tanta gente boa e de primeira plaina.

— Não vê que tentavam contra o rei ? Queriam a independencia de varias capitancias, a proclamação de um governo republicano ; commercio livre com todas as nações ; funda-



ção de fabricas de manufacturas ; universidade e banco. Já tinham leis feitas, bandeiras escolhidas, embaixadores que andariam pela Europa, tropa fallada e não sei o que mais.

— Porém, Sr. Frade, ponderou ao ouvido do rabula um negociante, seu conhecido, que isto ouvia ; o que me parece é que elles não são nem uns tolos, e pondere Vmce. que isso de commercio livre com todas as nações não era la má lembrança! E diga-me cá, pois me parece bem entendido nestas cousas ; se isto tudo não passa de uma fabula inventada pelo Visconde de Barbacena, que assim o disse alli ao Sr. Cordeiro, como ha de esse enfatuado governador ressarcir o credito, a honra, e a fazenda de tantas pessoas que ahi ficam perdidas ?

— Peior ! Peior ! exclamou o rabula, e ajuntou logo : Sabe o que mais, Sr. Francisco de Araujo Pereira, passe muito bem, que não quero historias.

E tirando-se d'alli por causa das duvidas,

perdeu-se o rabula no meio dos grupos e deixou o negociante a conversar com o criado do Olho de Vidro.

Os dous bem se entendiam, pois sympathisavam com a causa pela qual alli estava a soffrendo os seus infelizes compatriotas e depois tomou cada um o seu diverso rumo.

---

E em todo aquelle dia não fizeram os frades e o seu guardião mais do que consolar tão desoladas almas com palavras ungidas pela fé — que lhes metigassem a afflicção — que lhes desvanecessem as idéas horrorosas que lhe batiam na mente como badaladas sinistras, as quaes eram despertadas pelo apparatus que se ostentava alli ante elles e aos olhos de toda uma cidade, adredemente preparado de antemão para o effeito dramatico de uma peripecia theatral.

---

No entanto trabalhara afanosamente a formidável alçada, o regio tribunal de sangue.

Eram oito horas da manhã quando se encerraram em sessão extraordinaria, tendo por presidente o taciturno o vice-rei conde de Rezende — um homem que nunca riu-se !...

Gastaram dezoito horas para lavrar o accordam, sentenciando a cada um dos réos segundo as provas mais ou menos aggravantes de cada um, e somente la pelas duas horas da madrugada do dia seguinte abriu-se com estrondo a porta da sala do oratorio e penetrou nella o desembargador escrivão da alçada, Francisco Luiz Alves da Rocha.

Vinha acompanhado de numerosos meirinhos que traziam tochas accensas.

Ergueram-se os presos, que se haviam atirado ao pavimento da masmorra — leito humido e frio — sobre o qual não poderam conciliar o somno pois os peavam grossos grilhões que lhe tolhiam os membros, e os acabrunhavam dores moraes e terriveis que lhe povoavam a imaginação de horrores.

A' luz amarellecenta dos funebres fachos leu o desembargador-escrivão a sentença da alçada, no que fevou duas horas.

« Alguns vassallos, dizia o terrivel accordam, animados do espirito da perfida ambição, formaram um infame plano para se subtrahirem da sujeição e obediencia devida à mesma senhora.

« Pretendendo desmembrar e separar do estado a capitania de Minas para formarem uma republica independente por meio de uma formal rebellião, da qual se erigiram em chefes e cabeças.

« Seduzindo a uns para ajudarem e concorrerem para aquella perfida acção.

E communicando a outros os seus atrozes e abominaveis intentos em que todos guardavam maliciosamente o mais inviolavel silencio para que a conjuração podesse produzir o effeito que todos mostravam desejar pelo segredo e cautella com que se reservavam de que chegasse à noticia do governador e ministros.

« Porque este era o meio de levarem avante aquelle horrendo attentado, urdido pela infidelidade e perfidia.

« Pelo que não so os chefes, cabeças de conjuração e os ajudadores da rebellião se constituiram réos do crime de leza-magestade da primeira cabeça, mas tambem os sabedores e consentidores della pelo seu silencio.

« Sendo tal a maldade e a prevaricação destes réos, que sem remorsos faltaram à mais recommendavel obrigação de vassallos e de catholicos.

« E sem horror contrahiram a infamia de traidores, sempre inherente e annexa a tão enorme e detestavel delicto. »

---

Ao Tiradentes, que passava por louco aos olhos de todo o mundo, pois indistinctamente fallava a uns e a outros no levante compromettendo-se a si e aos seus amigos sem necessidade, deu-lhe a alçada a supremacia da conjuração tecendo-lhe a coroa do martyrio

com as folhas que mais tarde adornariam as cabeças dos venerandos vultos do Ypiranga.

Devia ser conduzido com baraço e pregão pelas ruas mais publicas ao lugar da forca e nella morrer morte natural assim designada em contraposição da morte moral.

Devia depois de morto ter a cabeça cortada, a qual seria levada á Villa Rica, hoje cidade de Ouro Preto, para n'um porte offerer em espectáculo um exemplo edificante ao povo, emquanto o tempo o consentisse.

Esquartejado o corpo seria distribuido pelo caminho de Minas nos sitios da Varginha, Cebolas e outros lugares, até a consummação.

Declarar-se-ia infame e infames seus filhos e netos se os tivesse, e os seus bens seriam applicados para o fisco e camara real.

A casa em que vivera em Villa Rica seria arrazada e salgada para que nunca mais no chão se edificasse outra. Não sendo propria avaliar-se-ia para ser paga pelos bens confiscados, e no seu lugar se levantaria um padrão que recordasse a sua infamia.

Foram tambem condemnados á mesma pena Francisco de Paula, Maciel, Alvarenga, Domingos de Abreu, Francisco Antonio e Luiz Vaz, bem como Salvador do Amaral, e os Rezendes, pae e filho, e Vidal de Barbosa, com pequenas commutações que em nada lhes aproveitava, pois aos primeiros apenas poupavam a mutilação dos cadaveres em quartos, e aos quatro ultimos somente soffriam a decapitação depois de mortos, e teriam a exposição exemplar de suas cabeças.

Revocando a Claudio Manoel da Costa que la no sepulchro dormia o somno do suicidio, declarou infame a memoria do poeta e infames seus filhos e netos, e deram seus bens por confiscados; a posteridade, porém, que pode mais do que os reis e seus decretos, revogou a sentença e repete o seu nome glorificando-o de involto com as suas bellas canções e sonetos.

Gonzaga e outros, a quem felizmente poupam os dias e as noites da agonia do oratorio, foram condemnados ao degredo por

toda a vida para os presídios de Africa, sob pena de morte se voltassem ao Brazil.

Tiveram outras penas menores.

---

Terminada a leitura da sentença, cessou o silencio e ouviu-se um borborinho.

Deixara o escrivão da alçada a liberdade aos presos e condemnados de se communicarem pelo espaço de quatro horas, relaxando-lhes os ferros e retirou-se.

Acordavam de longo somno, despertavam de um pezadello cujas consequencias ainda duravam...

Era a trombeta do anjo da morte que os chamava ao sepulchro.

Sequestrados ha tres annos á toda a communicação com o mundo, encontravam-se agora á beira do abysmo e face a face um dos outros.

E podiam se fallar mutuamente, e pois do tempo concedido se aproveitaram para mutuas recriminações.



Imputavam-se uns aos outros a sua ultima infelicidade pelo excessivo e injusto depoimento em que a amizade trahira os mais sagrados deveres.

Dominava esta scena desoladora a gargalhada estridente de Vidal de Barbosa, o unico que não acreditava na seriedade daquelle apparatus theatral.

— Ora eu morrer enforcado! exclamava elle.

Correu frei José do Desterro para o infeliz jovem e o tomou em seus braços. Suppunha-no doido, mas elle dava provas da perfeição de seu juizo — de uma mente sã.

— Meu padre, disse-lhe Vidal de Barbosa, algum fundamento tenho para esta alegria, que os meus companheiros de infortunio reputam louca — impia — theatral.

— Mais qual é o fundamento? lhe perguntou o guardião.

— Ouça-me, disse elle. O segredo em que estive antes de ser removido para a fortaleza do Morro da Conceição ficava por baixo do

vão da escada que subia para a sala do palacio do governador da fortaleza da ilha das Cobras.

« Consegui com toda reserva e disfarce escavar um cantinho da parede do lado da escada principal, e tão feliz fui que por acerto dei justamente n'um dos degraus por onde via quem subia ou descia.

« Em certo dia, bem me recordo agora, pois foi em 21 de Julho de 1790, applicando o ouvido e escutando, ouvi dizer ao governador pelo juiz da alçada que não seria muita a effusão de sangue, e que apenas um ou dous morreriam enforcados.

« Ora por Deus, meu guardião, que não serei eu um dos dous d'entre estes desgraçados porque as minhas culpas são por demais insignificantes.

— Meu filho, lhe aconselhou frei José do Desterro, não perca a esperança, que Deus é grande em sua infinita misericordia, mas não se fie tambem demasiadamente nas promessas dos homens.

---

Dirigiu-se o guardião ao coronel Alvarenga, que prerompendo nos maiores excessos tocava a meta da alienação.

Criminava a esposa por lhe ter impedido os primeiros vãos da fidelidade, quando quiz ir delatar os seus amigos, e que ella de mãos postas lhe pedia que deixasse de denunciá-los, pois que toda a sua desgraça provinha de não ter seguido o presentimento que tivera.

Lamentava a orphandade de sua filha, aquella Maria Ephigenie, cuja belleza virginal traçou em rasgos de admiravel poesia.

Com os olhos injectados de sangue ajoelhará-se, suppondo-se diante do tribunal divino e protestava que a mesma fé que lhe ensinava a acreditar na justiça de Deus, lhe afiançava que Deus a ser justo não perdoaria as suas faltas.

N'esse estado de prœexcitação em que o via abraçou-o o guardião e dirigiu-lhe palavras de consolação, amor e fé.

— Se a fé obriga a crer, ajuntava o guardião, que Deus é justo para condemnar, pre-

vistas as suas culpas, não menos lhe manda crer que é misericordioso para o salvar mediante a sua contricção, pois veio ao mundo não a destruir e sim a reparar. Nem elle quer a morte do peccador mas a sua conversão para lhe dar a vida eterna. Nem de outra sorte debalde teria morrido Nosso Senhor Jesus Christo.

« Tem sua filha outro pae, continuava o guardião, mais sabio, mais rico, mais poderoso e mais amante, e quem tem a Deus não chora nem lamenta a orphandade.

« Sua esposa por fim não lhe agradecerá a confissão de affecto que mostrou por ella, se fosse feita essa sua confissão diante de um homem mais fiel ás leis da justiça do que a da charidade pois a involveria na propria sentença.»

---

Veio a poesia em seu auxilio ; baixou sobre elle a musa dos carcerees e lhe inspirou os tocantes versos dos seguintes sonetos :

Não me afflige do pobro a viva quina ;  
Da ferrea maça o golpe não me offende ;  
Sobre as chammas a mão se não estende ;  
Não soffro da agulheta a ponta fina ;

Grilhão pezado os passos não domina ;  
Cruel arroxó a testa me não fende ;  
A' força, a perna ou braço se não rende ;  
Longa cadêa o collo não me inclina :

Agua e pomo faminto não procuro ;  
Grossa pedra não cansa a humanidade ;  
O passaro voraz eu não aturo ;

Estes males não sinto, é bem verdade,  
Porém sinto outro mal inda mais duro :  
Sinto da esposa e filhas a saudade !

---

Eu não lastimo o proximo perigo  
Nem a escura prizão estreita e forte ;  
Lastimo os caros filhos e a consorte  
A perda irreparavel de um amigo .

A prisão não lastimo, outra vez digo ;  
Nem o ver imminente o duro corte ;  
E' ventura tambem achar a morte  
Quando a vida so serve de castigo.

Ah quam depressa então acabar vira  
Este sonho, este enredo, esta chimera,  
Que passa por verdade e é mentira.

Se filhos e consorte não tivera  
E do amigo as virtudes possuira  
So de vida um momento não quizera.

---

Commovia a todos uma scena verdadeiramente pathetica passada entre os Rezendes, pae e filho.

Ouviu o velho a sua sentença e sentiu-lhe banhar o corpo o suor da morte. Pararam-lhe os olhos dominados de frio estupor, e immovel como uma estatua de marmore, quis fallar e apenas balbuciou palavras sem nexo, sem sentido.

— Dividas!... mulher!... familia!....  
pobreza...

Conheceu o filho o desanimo' do autor de seus dias, e correu a recebê-lo em seus braços.

— Meu querido pae, lhe bradou elle, ah não desanime! E o que é a morte emfim senão o fim das fadigas e dos trabalhos, o termo dos tormentos que tanto nos consternam nesta vida de miserias e lagrymas?

« E o que é ella senão questão de tempo! Hoje — amanhã — um dia — praso fatal! Dever-nos-ha por ventura intimidar o seu genero mais ou menos ignominoso? Não é injuria para ninguem morrer d'este ou d'aquelle modo. Limita-se o poder dos homens a este mundo, e a injuria não transcenderá os umbraes da eternidade.

« Nossa familia, ja acostumada a pensar na sua infelicidade e preparada pela divina Providencia, que lhe deu esforço para soffrer a nossa estrepitosa prisão, receberá a noticia de nossa triste e aggravante sorte com a maior resignação.»

E o pae misturava os seus soluços, e confundia as suas lagrymas com os soluços e lagrymas do filho.

— Querido pae, continuava elle, sofframos estes passageiros infortunios em desconto de nossos erros. Beijemos estas algemas, cinjamos estas correntes peçadas, que nos podem aligeirar os passos no alcance da eterna felicidade.

« E o que é o fim da vida senão uma viagem para a eternidade? Aspiremos pois a immortalidade! »

E abraçados confundiram de novo as lagrymas e suspiros de seu choro, até que o guardião veio com os religiosos, que os assistia, separal-os e offerecer-lhes conselhos cheios de unção.

---

Manifestava os maiores symptomas de pavor e assombro o coronel Francisco Antonio. Seus olhos errantes e assustados busca-



vam um a um os companheiros da desgraça, os socios do cadafalso.

O joven Maciel, que conservava no seu rosto incantos da mocidade unidos a serenidade de seu bello espirito, e que lia no livro de sua devoção, notou a perturbação do pobre coronel e dirigiu-lhe estas expressões cheias de candura, repassadas de religiosa philosophia :

— Adora, amigo, a Providencia e segue com fidelidade suas ultimas disposições a teu respeito.

« Recorda-te que começaste a conhecer as essenciaes obrigações de christão depois que te separaram do commercio dos homens, e que entregue aos rigores da justiça renasceste para a graça.

« Faze da tua morte, embora cominada pela sentença da alçada, um sacrificio de expiação.»

Subiu do estupor o seu amigo, e o jovem Maciel cheio de inexplicavel paz e doçura de

uma alma ardentemente christã voltou-se para o seu director espiritual que de braços abertos esperou o seu amplexo.

---

Era muda e lacrymosa a scena que se passava — entre o senhor e o escravo, — entre o velho Domingos de Abreu e o negro Nicolau.

Abraçados, como estatuas silenciosas, nada fallavam — mas corriam — mas se misturavam as lagrymas de seus olhos dizendo eloquentemente o que se passava n'aquelles corações que palpitavam unidos, apesar de despedaçados por lentas dores e acerbas agonias...

---

Soou a sineta da cadeia publica.

Havia decorrido o tempo da tolerancia; tinham se passado as quatro horas que lhes foram autorgadas.

Restabeleceu-se o lugubre silencio.

E vieram os carcereiros e lhes lançaram ás mãos e aos pes os brutos e pezados grilhões que se iam prender ás grades das janellas da sala mortuaria.

Passaram a primeira noite e o primeiro dia deitados sobre as pedras frias e humidas do pavimento da cadêa, pernoitavam agora em camas que os irmãos da Santa Casa da Misericordia, vestidos de opas negras, alli vieram estender para que de alguma fôrma lhes servissem de allivio, e nestas encontrassem o repouso que lhes era tão necessário.

Acompanhavam os irmãos da Misericordia muitas pessoas que caridosas se aproveitavam para lhes trazer algum bocado de pão ou uma sede d'agua.

Recolhidos em si mesmos, entregues á meditação serena e fria, pezaram as misérias do homem, julgaram as dores da vida, e viram alargar-se o abysmo que os separava de tudo quanto lhes era mais caro neste mundo — a familia e a patria !

E a justiça dos homens, com a mascara da morte, lhes ouria dos umbraes da eternidade, e lhes apresentava a alva e o baraço, e lhes abria o caminho do além tumulo.

Mais distante surgiam — phantasmas lividos — esqueletos mirrados, famintos, sequiosos, que lhes estendiam os braços nús e tremulos..... que lhes regalavam os olhos desvairados...

Eram suas mulheres — eram seus filhos, a quem o fisco — roubara o tecto — lhes despirá os trajos — lhes arrancara o pão !...

Cançados, fatigados de taes visões, atormentados por tantos pensamentos sinistros adormeceram, como se mão de chumbo lhes abotoasse os olhos.

E o guardião rezava junto do altar com os seus franciscanos.

E pareciam orar pelos mortos.

---

### III

#### O TERCEIRO DIA

20 de Abril de 1792.

Ainda mais triste do que o dia precedente appareceu para a cidade do Rio de Janeiro a manhã de 20 de Abril de 1792.

Pairava o anjo da morte sobre a cidade do martyr de Narbona, cobrindo-a com as suas enlutadas e longas azas.

Impalledeciam os cirios do altar á luz do dia, que vinha coando pelas grades da sala do oratorio.

Elevavam-se no visinho convento dos religiosos carmelitas os cantos religiosos que se uniam aos sons exhalados do organ, para virem espirar nas abobadas do carcere, como

os gemidos do Oceano quando se perdem nas praias da solidão.

E o silencio dos tumulos, apenas interrompido pelos hymnos biblicos, cheios de religiosa melancholia, e pelas vozes dos sacerdotes franciscanos, dominava a sala onde a morte armara o seu altar, e o revistira de suas funebres galas.

Soou a sineta da cadeia, e as abobadas resoaram com os sons que se perderam pelos escuros corredores.

Revestiu-se o guardião com os paramentos necessarios ao santo sacrificio da missa e veio para o altar.

No meio do mais solemne recolhimento assistiram os presos politicos a cerimonia religiosa, uns debruçados sobre os leitos, e outros curvos ao peso de tantos e tão pesados grilhões, e entre soluços receberam de frei José do Desterro o pão da Eucharistia.

De repente abriu-se com calculado estrondo a porta da sala do oratorio, e appareceu a figura do desembargador Alves da Rocha.

Trazia a ratificação da sentença, a qual leu no meio do maior silencio.

— Mas... ajuntou o desembargador escrivão, com um leve sorriso sobre os labios, como signal de uma tenue concessão,— a seu tempo será deferida a declaração dos réos a respeito dos quaes se ha de suspender a execução.

Brilhou momentaneamente um vislumbre de esperança para todos elles, com excepção de um para quem o porvir — tão perto! — so tinha trevas, — so pedia sangue!

Com estas estudadas peripecias trazia a alçada a todos elles indicisos da sorte, suspensos sobre o abysmo da eternidade, entregues a ossilações entre a esperança e a realidade, entre a vida e a morte, derramando consolações vagas, perturbando os ultimos desenganos d'aquelles a quem a religião ja havia feito conformar-se com a cruel sentença.

Desesperado com tanta incerteza, prorompeu um dentre elles nestas palavras que re-

velam a acerba e agonisante situação de seu espirito :

— Srs., não ha que duvidar, nem que esperar, desenganemo-nos — nem um so de nós escapará ao cadafalso !

E ouviu-se a gargalhada estridente de Vidal de Barbosa, e logo a sua exclamação :

— Ora eu morrer enforcado ? !...

— Sim, sim, ponderou o coronel Alvarenga, somente Vidal de Barbosa e Salvador do Amaral se tornam dignos da excepção.

---

De novo requerera o advogado da Santa Casa da Misericordia o doutor José de Oliveira Fagundes permissão *para deduzir segundos embargos por via de restituição de presos e miseravets réos*, e ainda d'esta vez não foi attendido.

Parecia pois que a sentença da alçada ia cumprir-se em todo a sua integra.

Haviam porém conseguido os juizes da alçada o que buscavam, que era incutir o maior



horror que fosse possível no animo do povo.

Não tinha a execução de ser revestida das crueldades prescriptas pelas bárbaras ordenações, como chegou-se a temer, mas seria comtudo a mais medonha e ostensiva que presenciaria a *heroica e leat cidade*, e a primeira em que se derramaria o sangue brasileiro em hollocausto aos direitos offendidos da realza...

Tomaram-se todas as precauções pelo juizo da alçada de ajuste com o conde vice-rei.

Suspendera-se a sahida das embarcações que se achavam prestes a dar a vela para Lisboa e para a India.

Dispozeram-se todos os meios que podessem contribuir para a segurança do acto em toda a sua pompa e ostentação.

Substituíram os terços dos auxiliares a tropa paga na guarnição da cidade, afim de se reforçar a guarda da cadêa com tropa regular, completamente municuada de polvora e bala.

---

A praça da Constituição, hoje tão limitada, era nesse tempo um vasto campo que se estendia entre a igreja de S. Domingos e a igreja de Nossa Senhora da Lampadosa, conhecido indistinctamente pela designação que lhes davam uns de *Campo de S. Domingos*, e outros de *Campo da Lampadosa*.

Revestiam o agreste campo numerosas e irregulares moitas de arvores, arbustos,ervas e gramineas que deixavam ver aqui e alli, como lagos de um parque inglez, os restos de extensos paúes, habitação de jacarés, jabotis, serpentes e aves aquaticas.

Com o correr dos annos vieram novas casas extremar os dous campos.

O campo de S. Domingos ficou limitado á area de um pequeno largo irregularissimo, que existe em frente á igreja.

O *Campo da Lampadosa* dividiu-se ainda em trez :

Em *Campo da Polé*, que era ao lado da igreja, o qual desapareceu no tempo de Luiz de Vasconcellos, que ahi edificou a *Casa dos*

*Passaros*, que depois passou a ser da *Provedoria* e é hoje o Thesouro Nacional.

Em *Campo de Santa Anna* por causa da igreja parochial que se erigiu aonde está presentemente a estação principal da estrada de ferro D. Pedro II. Chamou-se depois do dia 12 de Outubro de 1822 *Campo da Acclamação* e foi chrisnado nos dias que se seguiram a revolução de 7 de Abril de 1831 em *Campo da Honra*. Agora é um parque, que ainda não tem nome, o qual veio substituir o jardim alli feito pela policia no tempo do intendente Paulo Fernandes Vianna, e que fora derribado pelos porta-machados de D. Pedro I.

Em *Campos dos Giganos* que se converteu em *Rocio*, onde em 12 de Outubro de 1813 se inaugurou o *theatro de S. João* chamado depois de *S. Pedro de Alcantara*, e denominado nos dias revolucionarios *Constitucional Fluminense*. Quando em 26 de Fevereiro de 1822 pediu José Clemente Pereira a D. Pedro I que se desse ao Campo ou *Rocio* um titulo mais glorioso que estivesse em harmonia com o

acto da regeneração politica a qual se realisara alli, escreveu o principe regente como seu proprio punho na representação:

— Será praça da Constituição.

Todavia por uma anomalia, digna d'esta terra — a patria dos absurdos — so depois da coroação do actual imperador é que desapareceu a infamante polé ou o anachronico pelourinho, trazido para alli depois da remoção da cadeia publica para o Aljube.

---

No vasto *Campo de S. Domingos* ou da *Lampadoza*, mal aterrado com os despejos arrancados pela faxina ao morro de Santo Antonio, cujas excavações são ainda hoje evidentes pela enorme barreira que alli ficou, agglomerava-se o povo na sexia-feira de 20 de Abril de 1792 para ver elevar-se a nova forca de descommunal altura, segundo as prescripções da alçada.

Era geral a demonstração do pezar que se distinguia em todos os semblantes.

Em vão buscava cada um disfarçar a commoção do desgosto que sentia, a qual davam ainda mais força as exageradas noticias que se propalavam, realçando o horror das execuções e o numero das victimas.

A vista da sentença e da gravidade que se emprestava ao sonhado delicto, apagavam-se as esperanças em todos os corações, e ja se davam os miseros inconfidentes á conta de mortos na expectativa dos habitantes do Rio de Janeiro.

Retirou-se para longe da cidade a maior parte dos moradores.

Diminuiu o commercio.

Afrouxou a frequencia das ruas pela gente mais grada.

Reinava pois por toda a parte um silencio presentimental, como se a cidade dormisse á hora da sesta.

Era a mudez da natureza que precede a a tempestade, quando ella se aproxima involta em tenebrosas nuvens, como negros gigantes, que avançam silenciosamente.

Tal era o estado de todos os animos quando o conselheiro juiz da alçada Sebastião Xavier de Vasconcellós Coitinho julgou que era tempo de pôr em scena a peripecia desse drama lugubre o qual a seu arbitrio ou segundo as instrucções do ministro ultramarino Martinho de Mello, representavam os miserandos réos, soffrendo moralmente o padecimento do patibulo.

Pela carta regia que apresentou, aliás escripta ha dezoito mezes, via-se que estava autorizado desde muito tempo para melhorar a sorte de tantos desgraçados, e que tudo quanto havia feito de apparatuso era contrario aos generosos sentimentos de corações bem formados.

Segundo as determinações da rainha D. Maria I, cuja bondade maternal pendia para o completo perdão, deviam ser os réos ecclesiasticos remettidos para a côrte de Lisboa, debaixo de segura prisão, para a vista da sentença proferida contra elles determinar o que melhor lhe parecesse.

Quanto aos réos seculares far-se-hia uma classificação em tres cathogorias.

Na primeira figurariam os<sup>o</sup> incursores na pena de morte, cuja sentença se executaria immediatamente.

Na segunda os que merecessem ser degradados por toda a vida para os presidios de Angola e Benguella.

E na terceira os que se tornassem merecedores do degredo, pelos annos que fossem convenientes, para os outros dominios de Africa, comprehendidos os de Mossambique e Rio Sena, sob condicção de serem mortos se em algum tempo voltassem ás terras da America.

Foi ainda mais longe a carta regia pois designou que na primeira cathogoria entrassem os réos reputados chefes, que não se tivessem concorrido nas assembléas e conventiculos como tivessem procurado em diferentes partes introduzir no animo de quem os ouvia o veneno de sua perfidia, induzindo os povos a se apartarem da fidelidade que deviam á rainha.

Que na segunda se incluíssem os outros réos também chefes, que se não achassem em iguaes circumstancias.

Que na terceira finalmente se comprehendessem os que tendo noticia da conjuração não a declararam e denunciaram em tempo competente.

Vê-se que semelhantes quesitos ou o que melhor nome tenham, haviam sido redigidos com previo conhecimento dos delictos e de seus auctores, e que antes da formula do julgamento, com a maior apparencia de justiça, já sabia o governo colonial como seriam punidos *uns malevolos indignos do nome portuguez*.

Teve pois o tribunal da alçada de formular um novo accordam pelo qual mandou que se executasse inteiramente a pena cominada pela sentença ao Tiradentes, por ser o unico indigno da regia piedade.

Quanto aos mais réos houve por comutada a pena de morte no degredo perpetuo, com excepção dos Rezendes pae e filho, e Domini-



gos Vidal de Barbosa, cujo degredo ficou reduzido a tres annos, sendo Francisco de Paula para as Pedras de Angoche ; Máciel para Mas-sango ; Alvarenga para Dande, depois mudado para Ambaca ; Luiz Vaz para Cambamba ; Francisco Antonio para Bihé ; Domingos de Abreu para Machimba ; Salvador do Amaral para Catalá ; Rezende Costa, o pae, para Bis-sau e o filho para Cabo Verde, e Vidal de Barbosa para a ilha de Santiago.

Gonzaga e outros, que aguardavam nos segredos de sua prisão a hora da partida para o exilio, tiveram igualmente diminuição no tempo do seu degredo.

---

Ao meio dia estava a frente da cadeia publica apinhada de povo, que esperava a Jerradeira decisão.

Meia hora depois abria-se a porta do oratorio para dar ingresso ao desembargador

escrição Alvares da Rocha, o qual trazia nas feições um sorriso agradável que quebrava a terrível serenidade da justiça — nuncio de boa nova — pela qual suspiravam todos os corações que alli batiam cheios de ansiedade, entre o temor e a esperança, e tambem pela — patria !

Desfolhou os autos e leu de novo.

Não eram recebidos os segundos embargos pelas razões expendidas acerca dos primeiros...

Desapparecia assim arrebatado pelas vagas da tempestade a ultima taboa de salvação a que se agarravam esses miseros naufragos.

E seus corações se contrahiram gelados pela mão da morte, que os tocava pela segunda vez.

E alguns soluços se escaparam de mais de um peito onde havia espirado toda a esperança de vida.

MAS como todas as peripecias eram escolhidas para produzir effeitos theatraes, ergueu o magistrado a voz e dominando o conster-

nado auditorio, leu entre profundo e attento silencio a carta regia de 15 de outubro de 1790, e logo em seguida a sentença que commutava em degredo a pena capital de todos... excepto o Tiradentes !

Revocados á existencia, arrancados do abysmo do nada, surriram-se aquelles espectros da morte.

Brilharam o contentamento e a alegria não so nos semblantes dos réos da inconfidencia como igualmente nos rostos dos outros presos da cadêa publica.

Parecia que a cidade se alliviava da immensa pressão do governo colonial.

Prorompeu o povo em vivas e gritos de enthusiasmo, que retumbaram em todos os corações. Derramando-se pelas ruas da cidade, communicava cada qual aos que encontrava a commutação, o perdão.

Expediram-se proprios a cavallos para a capitania de Minas Geraes como portadores da boa nova.

— Viva a rainha !

— Apareceu o perdão !

— Foram perdoados os inconfidentes !

Eram as vozes que corriam de bocca em bocca e que se repetiam de um a outro extremo da cidade.

Povoaram-se as ruas até alli solitarias.

Entre-abriram-se as rotulas das janellas, e mostraram-se os habitantes animados da mais risonha alegria, e cheios de contentamento.

Muitas familias illuminaram os seus oratorios e postadas ante as imagens de sua devoção entoaram canticos religiosos em acção de graças.

---

Entre vivos transportes de alegria e de enthusiasmos, saudações de parabens e abraços de contentamento, relaxaram-se os grilhões aos réos comutados.

Somente ficou o Tiradentes com as algemas e as bragas, que lhe ligavam as mãos e os pés.

Ante elle pairava a certeza da morte sem mais recurso.

Não o tocou a inveja nem o entristeceu n'esse lance de afflicção a sua desgraça.

Sorriu-se tristemente e buscou manifestar a alegria, que se mesclava com a sua tristeza, transmittindo do lugar em que estava parabens aos commutados como se não tivesse de si lembrança alguma.

Nem um dos seus co-réos buscou-o para consolal-o !

Acharam-se salvos do tremendo naufragio e viam-no afundar-se no barathro do Oceano sem lhe valerem com uma palavra se quer, com um signal que fosse !

E o que poderiam lhe dizer que lhe servisse de resignação ou de consolo ?

Valeu-lhe somente quem o podia valer ;— valeu-lhe a religião !

Correu a abraçal-o o guardião, rodearam-no todos os frades franciscanos. Foi porém, elle, so elle, o martyr christão, quem teve palavras repassadas de unção e de amor e de

caridade para dirigir a frei José do Desterro que chorava.

— Morro, confessou elle, cheio de prazer, pois não levo após mim tantos infelizes a quem contaminei, e isto mesmo intentei nas muitas vezes que fui á presença dos ministros, pois sempre lhes pedi que fizessem somente de mim a victima da lei.

Retiraram-se os demais presos para as suas masmorras a espera dos navios que os conduzisse ás praias do exilio. Partiram com elles os religiosos e somente dous entre elles, frei Raymundo de Penaforte, e o guardião frei José do Desterro ficaram com o infeliz Tiradentes, que ao pezo de seus ferros, guardado por bayonetas caladas, e rodeado de lugubre apparatus, aguardava o signal do clarim que lhe devia abrir as portas do oratorio e romper a marcha funebre para os sem-fim da eternidade.

---

## IV

### O QUARTO DIA

21 de Abril de 1792.

Era um sabbado esplendido o dia 21 de Abril do anno de 1792.

O sol elevava-se no meio de sua magestosa pompa sobre o horisonte da capital da colonia luso-americana.

Oh nesse dia — mas dnzentos e noventa e dous annos antes — encontrava Pedro Alvarés Cabral os primeiros signaes da terra de Santa Cruz !

Tomara o governo colonial todas as precauções e as minimas cautellas para evitar qualquer manifestação a favor do réo que ia ser executado, bem como lançara mão de

todos os meios para tornar solememente festivo e alegre a execução.

Com a prepotencia que dispunha a bel prazer, conseguiu o taciturno conde de Rezende extorquir demonstrações de regosijo, as quaes se prestaram os habitantes da cidade, pois qualquer contrariedade lhes poderia ser funesta.

Pegou em arma toda a tropa que contava a cidade, a qual compunha-se de seis regimentos e de um esquadrão com duas companhias de cavallaria, a excepção somente do regimento destacado nas fortalezas.

O serviço da guarnição, como o menos importante, foi feito n'esse dia pelos auxiliares ou melicianos, porque toda a confiança do governo repousava na tropa paga, competentemente municuada com doze tiros de bala.

Estava sob armas a guarda da cadeia, reforçada como nos dous precedentes dias.

Em frente do edificio postára-se o esquadrão de cavallaria, que servia de guarda ao conde-vice-rei.

---



O povo em ondas, como um mar encapelado, batido da tempestade, enchia as ruas; ia e vinha, parava, retrocedia, voltava, tornava, atropellava-se, acotovellava-se, pizava-se, empurrava-se gritava ameaçava, procurando, disputando, conquistando cada qual um lugar para dous pés, e um claro por onde enfiasse dous olhos, até que transbordava como uma enchente no vasto campo de S. Domingos, ainda agreste com suas moitas e suas aves, ainda selvagem com seus charcos e seus amphibios, e que mal sonhava a esse tempo, tão bravo como era, com os edificios que tanto o encareceram depois.

Eram homens, uns elegantemente vestidos, outros encapotados; eram escravos com seus trajos sujos, esfarrapados e rotos; eram mulheres involtas em negras mantilhas como negros phantasmas, mal deixando ver os olhos por entre as malhas da renda que lhes cahia pela cara; eram crianças pelas mãos dos paes, e ao collo das mães.

Uns fallavam, gesticulavam outros; estes

apontavam ; aquelles impacientes consultavam os seus<sup>a</sup>relogios e olhavam para o lado do oriente, donde lhes vinha o sol.

O campo parecia um abarracamento ou semelhava-se a uma cidade de cupolas de todas as cores.

Eram os chapeos ou sombreiros abertos aos raios solares.

No meio dessas ondas de povo via-se um grupo de homens quanto á forma, de reprobos quanto ás physionomias e de brutos quanto aos corações, e eram olhados com desprezo ; tinham caras patibulares e um todo repellente, mas que se attrahiam por mutua sympathia.

Ligavam-se mas não se amavam.

Eram os tres espiões do Visconde de Barbacena.

Eram os delatores do levante, que depois da execução e dos desterros estenderam a dextra traiçoeira para receber a miseravel esportula do Escariota.

Era o coronel Joaquim Silverio dos Reis,

— era o tenente coronel Basilio de Brito — era o mestre de campo Ignacio Corrêa Pamplona, tres homens alcançados para com o fisco real, que procuraram uma quitação por meios ignobeis e infames, e que tão mau nome lhes alcançaram.

Eram tres homens, mas animados de um so espirito — o da delação !

---

Mais distante, com o coração confrangido, com o sorriso do disfarce nas faces, que se trahia a todo o instante, via-se outro grupo, composto de seis pessoas tambem.

Uma era baixa e magra, cabeça grande, nariz grosso, olhos pequenos e vivos ; era Marianno José Pereira da Fonseca, chamado pelo povo o *Doutor Biscotto*, e mais tarde por um imperador o *marquez de Maricá*, e depois pela posteridade o *Rocheffácauld brasileiro*.

A outra era alta, repleta, de cor parda, carregada, que trazia os cabellos encarapinhados, já brancos, cobertos por uma cabelleira empoada e de rabicho; tinha a bocca rasgada, e a phisionomia aberta. Os moços conheciam-no pelo mestre de rhetorica, os clientes pelo doutor Silva Alvarenga, os musicos pelo violonista curioso, e os poetas pelo cantor de *Glaura* e o *Desertor das lettras*.

A terceira e a quarta eram dous homens ja de idade, um gordo e baixo, o outro alto e magro; os velhos de seu tempo davam a um o nome de Marcos Pinto e ao outro o de João Manso; mas os moços os chamavam pelos seus qualificativos de mestres de grego e de latim.

A quinta e a sexta eram dous cirurgiões, como então se denominavam os medicos, e eram geralmente conhecidos por Jacintho José da Silva e Vicente Gomes.

Mas esse grupo movia-se, andava disfarçadamente a passo curto, até que sorrateiramente perdeu-se enfiando pela rua do Cano,

hoje Sete de Setembro. Empurrou um d'elles uma porta que ce'eu; entraram um a um, e de espaço em espaço, por um corredor, subiram uma das escadas, pois era a casa de dous andares, e acharam-se a portas fechadas d'uma sala rodeada de estantes abastecidas de livros.

Via-se sobre a mesa algumas gazetas da França — contrabando politico! — sobre as gazetas uns estatutos, e sobre os estatutos um livro aberto. Eram *Os direitos do cidadão* de Mably e alguns tomos da historia do abbade Raynal.

Erguia-se a forca bem alta; ia matar-se um homem juridicamente como representante de uma grande idéa, pois davam-lhe as honras de primeira cabeça, e uma sociedade secreta se installava a essa hora para...

Tanto é certo que se decepam as cabeças revolucionarias, esses volcões politicos, mas não se assassinam, as grandes as generosas idéas!

---

Dous sujeitos, que se conheciam, encontravam-se no *Campo de S. Domingos* levados pela mesma causa — a curiosidade.

Eram elles José Marianno de Azevedo Coitinho e Francisco Xavier da Silveira.

— Com que então, dice o primeiro ao segundo, vão enforcar o pobre Tiradentes!

— A corda, murmurou o segundo quasi ouvido do primeiro, quebra-se sempre pelo mais fraco.

— E' verdade, disse Azevedo Coitinho, e mal sabia elle que o seu relógio marcaria a sua ultima hora achando-se na minha mão.

E tirou do bolso do collete um relógio inglez do autor S. Elliot, n. 5.503, com duas caixas, uma de tartaruga e outra de prata, tendo o mostrador de esmalte.

« Arremateio-o, accrescentou elle, em hasta publica, cubrindo a avaliação feita por Manoel José Bessa, que foi de 12\$800 réis. Está-me pois em pouco mais de uma dobla.

— Pois eu cá, replicou por sua vez Francisco Xavier, com meio tostão cubri a ava-

liação de dous cruzados que deram a esta bolsa de marroquim, a qual lhe pertencia.

— E o que contém ella ? perguntou Azevedo Coitinho.

— Veja, respondeu Francisco Xavier, entregando-a.

Eram os instrumentos com que operava o Tiradentes quando exercia o officio que lhe dera o alcunha, e que n'esse tempo se designavam por *uns ferrinhos de tirar dentes*.

---

Dous padres, ambos irmãos, mas totalmente desconhecidos á população do Rio de Janeiro, circularam o campo com passos vagarosos e se retiraram tristes e cabisbaixos. Eram Francisco Ferreira da Cunha e Daniel Ferreira, irmãos do Tiradentes, que em vão esgotaram todos os seus empenhos para salvá-lo do patibulo, e que tinham deixado a capitania de Minas Geraes a pedido de sua irmã D. Anna Ferreira.

---

Quem passasse a essa hora pela rua de Nossa Senhora da Mãe dos Homens viria também um oratório aberto e illuminado, e duas mulheres de joelhos, com a oração nos labios e as lagrymas nos olhos.

Era D. Ignacia Gertrudes — uma viuva honesta, e sua filha — uma moça formosissima, amigas agradecidas do Tiradentes, a quem elle prestara desinteressadamente servicos como dentista e medico, pois conhecia muitos remedios domesticos.

---

Para conter o povo na sua banal curiosidade, estendeu-se pela rua da Cadêa, largo da Carioca e a rua que tem hoje esse nome e prolongava-se até o campo de S. Domingos, o regimento de Moura sob o commando do coronel José Victorino Coimbra.

Formava um triangulo regular, dando as costas para o centro, no qual ficava o pati-



bulo, o regimento de Entremós, e o primeiro e o segundo de granadeiros do Rio.

Postou-se para o lado de S. Francisco de Paula o regimento de artilharia commandado pelo coronel José da Silva Santos, com as bocças de fogo completamente municiaadas.

Montado em soberbo cavallo corria o commandante das armas Pedro Alvares de Andrade as ruas e o campo. Seguia ao lado do brigadeiro o ajudante de ordens do conde vice-rei, que era um de seus filhos. Acompanhava-no o seu luzido estado maior e ordenanças.

Trajava toda a tropa o uniforme maior, ornada de festões de flores.

Calçavam ferraduras de prata os cavallos em que montavam os ajudantes, officiaes, ouvidores e mais autoridades.

Enlaçavam as clinas fitas cor de rosa, e arrematavam as caudas em laços da mesma cor.

Eram os arreios e estribos igualmente de prata, sendo alguns dourados.

Eram de velludo de seda escarlate. e franjados de ouro as gualdrapas e mantos.

Rondavam patrulhas avulsas o Campo, e afastavam as pessoas que se apinhavam, e se aproximando cada vez, mais e mais, ameaçavam romper o cordão triangular que guardava o patibulo.

Mudos espectadores coroavam as vertentes dos morros do Castello e Santo Antonio, que descahem para o centro da cidade.

Parecia que vergavam as janellas com o peso das mulheres e crianças, às quaes se apresentavam rica e luzidamente vestidas, como se o andor de S. Sebastião percorresse em procissão as ruas da cidade de seu nome.

No meio de todo esse movimento, ao brilho de todo esse luxo viam-se os irmãos da bolsa com suas capas pretas sobre os hombros, impunhando a vara e sustentando a salva de prata, a esmolar para o suffragio da alma do *irmão padecente*, e ouvia-se o tinir das moedas que lhe atirava a fê de mui boa e santa vontade.

---

O canglor do clarim — o rufo abafado das caixas de guerra — o rodar surdo das carruagens da artilharia — o trotar dos cavallos — o dobre funebre dos sinos, longe de aterrarem a alma do Tiradentes e de lhe povoarem de horrores e phantasmas a imaginação e de lhe debruxarem na physionomia os symptomas de pavor — lhe alegravam o espirito.

Via approximar-se a hora fatal ; adejava-lhe nos umbraes da eternidade a derradeira esperança, e pois desejava quanto antes ver terminar-se aquella vida tão atormentada pela desgraça, que sempre o perseguira...

Era o unico favor que implorava a todos quantos o rodeavam... mas em vão!

Contrico, confortado com a pratica dos religiosos, que o assistiam com os seus conselhos ha tres annos, ja não era o patriota verboso, o homem das idéas exaltadas. o enthu-siasta que chorava quando lhe fallavam da patria, o amigo de expandir-se e de emittir as suas idéas sem calcular o alcance de suas palavras, sem examinar o lugar em que es-

tava, sem conhecer quem o ouvia, sabendo que o vice rei estava em toda a parte, vendo com os olhos dos espiões, ouvindo com os ouvidos dos delatores.

Conseguiu o carcere, que o segregou do mundo por tanto tempo, modificar-lhe o genio, mudar-lhe profundamente a indole, matar-lhe — seria possivel? — matar-lhe, não, mas emudecer-lhe o patriotismo!

Condenaram-no á morte, e pois que mais lhe restava senão saber morrer, repetindo o credo dos apostolos, que termina com o estribilho das orações — Amen?

Pedi, e deu-lhe a resignação essa coragem que a tantos tem faltado em tão suprema hora, e so não teve um olhar para o povo — que ahí ficava escrava — e um grito pela patria — a quem legava seus ferros por herança.

---

Chegaram á cadeia as pessoas que deviam compor o prestito:

Ladeado de numerosos e famintos meirinhos entrou no oratorio o algoz negro, o terrivel tigre que dava pelo nome de *Capitania*, tão celebre pelos seus crimes, e que se nutria dos ais e soluços de suas victimas.

Dirigiu-se o algoz á victima e lhe pediu de costume — pois que em tudo ha formalidades — o perdão da morte por que a justiça e não a sua vontade, lhe moviam os braços.

Depois vestiu o algoz a victima para o sacrificio á tyrannia.

O Tiradentes não so lhe beijou as mãos como os pés, querendo talvez significar com este acto a mais severa humildade christã.

Deram-lhe a alva, que symbolisa a innocencia, e por colar um barço; algemaram-lhe as mãos, e — pezada ironia! — metteram entre ellas a imagem do crucificado, — um martyr!

Bateram nas torres do mosteiro de S. Bento e convento de S. Antonio oito badaladas.

Era a hora marcada para a fatal partida.

Souu um clarim... e um catafrio correu por todas as fibras.

Era a primeira companhia de cavallaria que se punha em movimento.

Corresponderam a este signal as musicas dos regimentos.

Seguiu-se o clero.

Depois a irmandade da misericordia com a sua collegiada hasteando a celebre bandeira.

Depois os religiosos franciscanos, tendo á sua frente o guardião frei José do Desterro ao lado de frei Raymundo de Pennaforte.

No meio dos religiosos caminhava com passo firme o padecente, repetindo os psalmos proprios de taes ceremonias, sem afastar os olhos do crucifixo, senão para olhar para o céu.

Após o padecente via-se o executor, acompanhado de seus ajudantes, segurando nas pontas do baraço que cingia o collo da victima e a prendia entre a vida e a morte.

Numerozinhos meirinhos guardavam a preza e rodeavam o tigre que fôra tirado de sua jaula para passear pelas ruas da cidade e devorar em publico a sua ração.

Seguiam-na, em virtude de seus cargos, montados em suberbos e bem arreados cavallos, os ministros da justiça.

Eram esses o escrivão da alçada Francisco Luiz Alvares da Rocha, que devia testemunhar a execução :

O desembargador do crime José Feliciano da Rocha Gameiro :

O ouvidor da comarca José Antonio Valente :

O juiz de fora e presidente do senado da camara Balthazar da Silva Lisboa :

Fechava o funebre acompanhamento a segunda companhia do esquadrão.

No couce de todo este prestito rodava vagarosamente uma pezada carreta, que mal se elevava da terra, sobre quatro rodas ; arrastavam-na por meio de dous cabos doze galés, que eram escoltados por soldados de bayonetas desembainhadas.

Era o carro da carneficina, que devia voltar com o cadaver do Tiradentes mutilado, estribuchando, escorrendo sanuge, e reduzido a postas...

Soavam onze horas no relógio das torres do mosteiro de S. Bento e do convento de S. Antonio quando chegou o padecente ao campo de S. Domingos.

De um lance de olhos saudou á força, que se levantava com uma escada, a qual contava mais de vinte degraus.

Era o throno de gloria que lhe destinara a sorte.

Penetrou no recinto do triangulo, o emblema da trindade divina, que elle propoz para symbolo da bandeira nacional, e com elle as pessoas que compunham o prestito.

E subiu ligeiramente e com vigor um a um os degraus da escada, e sentou se á espera que o algoz e seus ajudantes se entregassem ao fatal preparo.

Após a victima subiu o algoz e subiram os seus satellites.

Um calafrio correu como uma corrente electrica da cabeça aos pés desde o primeiro até o ultimo dos espectadores. Uns encobriram os rostos, outros voltaram as costas, e muitos



se retiraram dando-se por satisfeitos da sua curiosidade. Outros cruzaram as mãos e as apertando contra o peito dice<sup>ram</sup> abafando os seus ais, contendo as suas lagrymas :

— Coitado !...

E a victima esperava, e o alguz contemplava de cima da barra do patibulo e levava os olhos pela amplidão contando os espectadores sem conta.

E aquella alma torpe, educada no theatro dos crimes e dos horrores, entregue no ocio de sua prizão a seus ruins pensamentos e á lembrança de seus desvarios ; nutrida com as suas rações que eram de carne humana, alimentado com o sangue que era o seu vinho, expandiu-se de contentamento, e um sorriso satânico, um sorriso de satisfação lhe enrugou os musculos faciaes.

Ia mostrar a sua grande pericia.

O assassino, que para escapar a vendicta da lei e poder a salvo roubar a vida de seu semelhante procurava um lugar ermo, buscava occultar-se nas dobras do manto da noite ;

que temi; que o echo das montanhas, que as folhas das arvores, que as aves, que o viam, repetissem os áis de suas victimas e que olhos humanos testemunhassem o seu crime; vinha agora protegido pela justiça, á luz fulgurante do dia, no meio de uma praça publica, ás vistas de toda uma cidade cevar os seus instinctos brutaes, afogar com as suas mãos o ultimo suspiro de sua victima, estrangulal-a, atassalhal-a, esquartejal-a; ver-lhe as entranhas palpitantes, e beber-lhe o sangue ainda fumante!...

E o tigre agradecido do espectaculo, que lhe offereciam em nome da lei; contente da ração, que lhe dava a justiça dos homens em nome do rei, deu começo a sua tarefa sem qualificativo.

Subiu os degraus do patibulo o guardião frei José do Desterro, e abraçou o Tiradentes pela ultima vez. Voltou-se depois para o povo e recitou de improviso uma pratica — longa, — bem longa — por demais para quem lhe parecia que abreviasse o mais que pudesse o seu derradeiro instante.

Reinava o silencio dos abysmos do nada. E no meio daquelle silencio — solemne — medonho — horrivel — resava o guardião o credo dos apostolos.

E ouvia-se a voz firme e sonora do Tiradentes dizendo uma a uma as palavras da oração, que eram repetidas pelo echo da eternidade.

Descia frei José do Desterro os degraus a proporção que ia terminando as palavras da fé, até que sumiu-se a sua voz...

Então o tigre-homem atirou-se á sua victima, que despenhou-se no espaço.

Retido pelo baraço, girou vertiginosamente o corpo, e extorceu-se em convulções até ser cavalgado pelo executor...

Um grito abafado, que escapou de mil bocas, como um gemido surdo, roufenho e prolongado, foi envolvido pelo rufo dos tambores, e o canglor dos clarins e trombetas.

Era como o soluçar da tempestade que envolve os gritos dos naufragos.

Desmaiavam as mulheres, gritavam as

crianças trazidas ao tremendo espectáculo da morte — sempre indigno para uma nação que se preza — sempre aviltante para a humanidade que o consente.

Subiu frei Raymundo de Pennaforte alguns degraus do cadafalso, e prégou à multidão.

Tinha tomado por thema de seu sermão as palavras do Ecclesiastico.

« — Nem por pensamentos traias o teu rei, porque as mesmas aves levarão a tua voz, e manifestarão o teu juizo. »

Depois começou a dispersar-se a curiosa população, como um mar que se retira e deixa o seu leito de lodo putrido.

Desfez-se o triangulo militar e mettendo-se os regimentos em columna ao som das caixas e trombetas, mandou o brigadeiro Pedro Alvares de Andrade fazer alto e ler um discurso adiante dos soldados sobre a fidelidade devida aos soberanos, no qual engrandeceu a clemencia da rainha.

Respondeu a tropa com vivas e recolheu a quartéis.

E enquanto frei José do Desterro seguia para o convento com os religiosos franciscanos, era arrastado pelos galés a terrível carreta, que levava mutilado o cadaver do Tiradentes.

E deixava por onde passava gotas de sangue...

---



## V

### A VOZ DA ETERNIDADE

30 de Março de 1862.

Subiu frei José do Desterro a ladeira do convento, e parou no adro para descansar e respirar.

E olhou insensivelmente para o lado da praia da Ajuda.

E viu singrando pela barra fora ao vento de feição as tres naus que conduziam os proscriptos ás terras do exilio.

O frade suspirou.

Occupavam-no ainda o terrivel espectaculo que se desdobra a seus olhos com todas as suas peripecias.

Tinha ainda presente o vivo quadro dos dias e noites de agonia de tantas victimas, a que assistira, e a tragedia em fim em que tomára parte em nome da religião . . . . .

Malhe chegava aos ouvidos o ruído do capital do vice-reino. Tambem se acalmara a sua agitação febril e a rainha da colonia luso-americana cahia outra vez na sua costumada pasmaceira e prosaica tranquillidade.

Dispersara-se o povo e recolhera ás cazas — com os olhos mais abertos — do que até alli, pois a execução do infeliz Tiradentes, tendo por motivo uma tentavia de levante para a emancipação da colonia, despertou idéas que preocupavam a poucos, e d'a'li em diante preocuparam a muitos.

Semeára sangue a tyrannia, e pois a seu tempo tinha de lhe ser fatal a colheita.

---

Seguiram frei Raymundo e os mais frades pelo longo alpendre do claustro pizando por



sobre as sepulturas em que a terra — esse saturno insaciavel — comia os \_cadaveres de seus irmãos..

Tomou frei José do Desterro outro rumo.

Desceu os degraus do adro, como se buscasse de novo a ladeira, e empurrando a porta que lhe ficava em frente ou á esquerda de quem sobe, chamada então *portaria dos pobres*, por que ahi comiam os necessitados a sua esmola da sôpa, ganhou o caminho que o conduziu á cerca do convento.

Precisava da solidão para a sua alma enojada do mundo.

Queria ar mais puro, ar mais oxigenado para seus pulmões.

Suffocava-o ainda a atmospherá do cada-falso saturada de sangue, empregnado de odores carnificinos.

---

Possuia o convento então por cerca todo esse morro que — ainda em mal! — se ale-

vanta no meio da cidade, occupando essa área extensa contornada pelas ruas da Carioca, Espírito Santo Senado, Lavradio, Arcos, Barbons ou Ervaristo da Veiga e Guarda Velha.

E n'esse tempo revestia todo o morro uma cabelleira de esplendida floresta.

Elevavam-se os robustos troncos de caneleiras, jequitibás, ubatans, oitis, cedros, jacarandás, angelins, vinhaticos, guarahens, massarandubas, misturando nos ares os seus curvos ramos, como as traves de um tecto; tendo por cuberta folhas de esmeralda, como as do pau brazil; ornamentadas de variegada florescencia, como a dos ipês, ou paus d'arcos.

Ostentavam-se por toda a parte enormes pés de jabuticabas, cambucás, grumixamas e sapucaias com seus frutos pretos, dourados, róxos ou em forma original de urnas.

Palmeiras de pequeno porte como o tecua e o indayá, vegetavam á sombra dos espinhosos airys, junto dos macahybas e quaresmas, em quanto que os cocos gomosas (ou baba de

boi ! ) se elevavam sobre as grimpas da floresta.

Cruzavam-se pela terra, como grossas serpentes, embebendo-se pelo chão, as raízes seculares.

Os cipós, como cobras, trepavam pelos troncos, deciam até beijar o solo, tornavam a subir, abraçando-se, entrelaçando-se, apertando-se, estorcendo-se e separando-se iam confundir folhas e flores com as flores e folhas dos velhos e robustos troncos.

Aqui onde vareavam as arvores, onde penetravam os raios do sol, onde filtrava-se o ar, onde caíam as gotas orvalhosas, alardeavam as orchídeas e bromélias a sua florescência mágica, original; e magníficas borboletas voavam como flôres levadas nas azas da brisa. Zumbiam milhares de insectos, mostrando aos fulgores do astro do dia os seus elytros de esmeraldas e rubins.

Cantavam, trinavam, chilravam e gritavam os sabiás, as aranhas (virabostas!) as camaxirras, as saracuras, e os bentevis; e a

araponga, tinindo com a sua voz metálica, como se o malhe ferisse a incude, esturgia os ares com melancolicos accentos, que se extinguíam lentamente, lentamente morrendo como sons plangentes do sino do convento, quando dobrava a finados, annunciando que um cadaver se escondia no seio da terra e para sempre!

Enredou-se o guardião n'essa floresta magestosa, esplendida, que o machado do vandalismo derribou, e o facho do incendiario refuziu a cinzas n'um só dia.

Descabellada a montanha, arrazaran-na como se quizessem a-semelhal-a á cabeça de um franciscano tam prosaicamente desfigurada pela navalha de seus Figaros leigos.

Até em seus nomes passou ella por transformações. Não o tinha a principio. Chamou-se depois *Morro do Carmo*, por causa de uma ermida; mais tarde *Morro de Santo Antonio*, e presentemente está condemnada a desaparecer da área da cidade.

N'essa montanha, atravez de sua floresta,

não havia uma pedra, um tronco de arvore, uma raiz, um cipó, uma folha, um insecto uma borboleta, os passaros e o seu canto, as flores e seus aromas que frei José do Desterro não conhecesse — que não tivesse tocado — que não tivesse visto ou ouvido, ou sentido muitas vezes.

Nada o enlevava, nem o enthusiasmava.

Todos esses incantos da natureza ja não embeveciam a sua alma embotada com o esplendor e harmonia da criação, a que se acostumara a força de admirar-a.

Não via por toda a parte senão sempre a mesma cousa, monotonia constante — que acabava por tornal-o indifferente.

Era cego e surdo e insensivel a tudo quanto se lhe offerencia em seu trilho.

Sua alma gasta n'esse gôzo ethereo da contemplação da natureza, como o ebrio que pelo uzo frequente perde o sabor dos licôres e vinhos generosos, era arrastada de novo a esse pensamento sombrio que o atormentava todos os dias, a todos os instantes.

Pendia-lhe de novo a cabeça sobre o peito.  
Amorteciam-se-lhe os olhos.

Frio estremecimento lhe percorria todas as fibras do corpo até a medulla dos ossos.

Eriçavam-se-lhe os cabellos de entorno à tonsura que lhe coroava a fronte.

As pernas tremiam-lhe, e seus passos vacillavam como se o abysmo do nada o attrahisse para tragal-o.

Seu peito comprimido arfava como uma onda, e um ai prolongado lhe irrompia dos labios, qual o gemido funebre do Oceano quando se despedaça nas praias de Copacabana.

—Como, exclamava o novo Alfuz, poderão as magnificencias do ceo prender a minha attenção sempre, sempre, sempre, se aqui mesmo na terra mal podem despertar os primores do Creador a minha curiosidade por um momento?

« O que era hontem uma novidade, — uma maravilha — um portento — um milagre, hoje ja é velho — commum — gasto, e amanhã ser-me-á indifferente, e depois, à

força do habito da contemplação, passará sem que eu o veja—sem que eu o ouça— sem que eu o sinta, como se o que existe não existisse.

« E minha alma destituida d'estes olhos — d'estes ouvidos — d'esta lingua — como ha de ver essas bellezas — como ha de ouvir essas melodias divinas — como ha de entoar esses hymnos angelicaes — como ha de sentir e gozar esses effluvios odorosos exhalados dos thuribulos ethereos ? »

Ergueu depois a cabeça, e elevou os olhos para o ceo, como se quizesse que se lhe deparasse um signal em seu soccorro, como se buscasse encontrar um raio de luz que lhe inundasse o cerebro.

De repente sentiu-se outro, e tudo se transformou a seus olhos, entorno de si, sobre sua cabeça, debaixo de seus passos.

Que mutação !... Tudo agora lhe era inteiramente novo !

Era nova a terra que pizava — era novo o arvoredo que via — era novo o ar que aspi-

rava — eram novas as aves que trinavam seus ouvidos.

Engrandecera-se a floresta estendendo-se — ampliando-se — elevando-se.

Os troncos mais robustos — mais altos, perdiam-se no ceo.

Rochedos cobertos de musgos, de lichens e orchidias, lagrymejavam crystalinas gotas de mel, como fonte de deliciosos licores, que seus dedos tocavam, e saboreavam como se fossem seus labios!

As arvores espargiam flores sobre seus passos, flores que exhalavam desconhecidos perfumes, que não envenenavam como os da terra, mas que eram como uma emanação moral que embalsemavam a alma, que os aspirava.

Tinham um não sei que de fortificante e de delicioso ao mesmo tempo, como o cheiro da virtude de uma virgem — tam pura — tam casta como santa.

Cantavam as aves e a desusada e inaudita harmonia como que lhe soava no intimo



d'alma, e a envolvia como exalação sonora.

Abriu-se, rasgou-se a floresta, e rebentou um clarão divino, e a luz resplandecente como que illuminava o seu espirito.

E esse perfume — e essa harmonia — e essa luz não formavam mais do que um conjuncto — uma so cousa — um so todo.

E todo esse conjuncto perfumoso, harmonioso, luminoso, se lhe communicava por especial percepção — como se elle não possuísse sentidos distinctos — como se elle não tivesse mais do que uma alma.

Caminhou, caminhou e caminhou muito, embevecido, enlevado, não como um ser humano, mas como um ser divino.

Sentou-se sobre um rochedo que sobejava ao solo, e que o convidava ao repouso da meditação, aos extasis que o deificavam, n'uma posição mais commoda, a ser possível, por que andando não tocavam seus pés a terra, que fatiga o homem.

E uma voz, como uma harmonia ainda mais nova do que o canto das aves que elle ouvia,

rescou em sua alma, embriagando-o de gozo ethereo — indescriptivel, inesavel. 1

Nem era o ruido das aguas das cascatas sobre os penedos da terra; — nem o brandido das pororocas quando os rios travam combata com as vagas do mar — nem o rugido do pampeiro que varre as arêas do deserto: — nem o bramir do cyclão que açoita o dorso do Oceano, e o atira e o espedaça nas praias; nem o fragor dos trovões que echoam pelas encandecidas abobadas do ceo; — nem o sibilo da locomotiva que arrasta os vagões pelas estradas de aço com a velocidade do raio.

Nem era o murmurio dos regatos que se deslizam entre relvas e flores — nem o gorgoio da donzella que canta os seus amores; — nem o bater dos remos na superficie dos lagos nas noites alvas de luar; — nem o arfar do peito da virgem que dorme o somno da innocencia: — nem o prepassar da briza ciciando pelos leques das palmeiras e perfumando-se nas suas flores.

Nem era a musica de todas as orquestras do mundo quando os homens celebram os seus concertos; — nem a harmonia de todas as vezes que vem do ceo quando os mundos giram, e os cometas como corceis galopam no infinito: — nem o murmurio de todos os sons incantadores que passam nos ares — quando as aves voam, — quando os insectos zumbem — quando a viração suspira, — quando o regato se espreguiça.

Mas era tudo isso creado — fundido, — harmoniosado n'essa voz, e que d'essa voz dimanava e se irradiava.

Não era um canto e dir-se-ia que era o effeito das ondas harmoniosas.

Não era uma linguagem, e eutretanto a voz fallava.

Fallava e era tudo, porque — era poesia, — era sciencia — era sabedoria ao mesmo tempo.

Sopro divino como se o exhalasse uma flauta celeste, tocada por anjos, essa voz a enleva-lhe a alma, embalsamava-na doce-

mente, embalando-a em ondas de harmonia e transportando-a a regiões novas, desconhecidas, não sonhadas.

E ouvindo-a, e escutando-a — sentia tudo, — via tudo — ouvia tudo — sabia tudo.

E essa voz sempre a mesma — essa voz sempre a unica — essa voz era sempre variada de modo que poder se-ia ouvil-a pelo correr sem fim dos seculos sem que ella nada perdesse de sua novidade, sem que elle nada soffresse no gozo inefavel que o embalava.

E quanto mais a ouvia tanto maior era o contentamento, -- o gozo — a dilicia que lhe alagavam os seios d'alma.

E tanto maior era o contentamento — o gozo — a dilicia que lhe alagavam os seios d'alma que elle descobria novos e inesplicaveis mysterios de modo que o seu prazer crescia, ampliava-se cada vez mais, como o infinito quando sulcamos o espaço e vamos pousando de astro em astro até penetrar em novos e ignorados universos.

De repente calou-se a voz.

E não ouviu mais do que o ruído da floresta, cuja grimpá ondeada açoitava o vento.

E cessou o perfume inibriante que lhe offercia o ambiente.

E não sentiu mais do que o odor acre do bosque.

E extinguiu-se a luz brilhante que o cercava.

E não viu mais do que a claridade do dia, que começava a fugir.

Imovel — parecia-lhe que despertava do somno de um bem estar ethereo e que assistira as scenas de um sonho encantador.

Olhou em torno de si com pasmo, com admiração, e não conheceu o lugar em que estava — o chão que pisava — as arvores que via — as flores que desabrochavam — as aves que cantavam, — o rochedo que lhe servia de banco.

Quiz erguer-se e pôr-se a caminho para se recolher — e sentiu que seus pés lhe pezavam, como se estivessem adheridos a terra — e

sentiu que seus braços pendentes tinham perdido a natural agilidade.

Levantou-se a muito custo.

Arrimou-se a um ramo secco que tomou por bordão.

E caminhou.

Não andava, arrastava-se penosamente.

As grandes e robustas arvores haviam desaparecido.

Pequenas moitas de arbustos e relvas, pitteiras e gravatas, cubriam apenas a terra da montanha como um pobre manto.

Achou-se sobre a aba que descamba para o interior da cidade — viu um abarracamento de soldados, — viu bandeiras e auriflammas verdes e amarellas, cores inteiramente estranhas para si ; — viu peças de artilheria.

Pensou la consigo que era o regimento que commendava o coronel José da Silva Santos com suas bocças de fogo.

Retrocedeu, procurando o trilho que o levava ao convento e do qual se considerava perdido.

Achou-o finalmente.

E encaminhou-se para elle com vagar pois vacillava sobre seus tremulos passos, como um ancião que ja vae pela senda do tumulo.

---

E pelo caminho que seguia encontrou frei José do Desterro alguns escravos — pardos e negros — que sem saudal-o, implorando a abenção do costume, o viam com olhos pasmos.

— Quem será este frade tão velho? disse um d'entre elles.

— E' um franciscano, ajunctou outro, mas d'onde virá elle?

Bateu o guardião á uma porta do interior do convento que achou fechada.

Apressou-se a abril-a um velho negro, que admirado, mediu-o da cabeça aos pés sem poder-lo reconhecer.

Perguntou pelo provincial, e trouxeram-no a sua presença.

Não é esse, exclamou elle, eu pergunto por frei Raymundo de Pennaforte.

— Não o conheço foi a resposta de frei Antonio do Coração de Maria Almeida

Se o provincial se mostrava profundamente movido de admiração, mais admirado estava frei José do Desterro.

Repetiu um a um o nome de todos os frades de seu tempo, e ninguem lhe deu a menor informação.

— Mas então, interrogou elle impacientemente, quem sou eu?

— Pelo habito, respondeu o provincial, é um filho de S. Francisco, mas pelas feições ignoramos que filho seja.

— Pois eu, dice elle, não sou o guardião?

— O guardião, replicou frei Antonio do Coração de Maria, é frei João Baptista de Santa Rosa, que ahi chega.

— Pois eu, ajunctou frei José do Desterro,

---

Por antonomasia o *Sinházinha*



não sahi esta manhã da cadeia publica com alguns irmãos para assistir a execução do Tiradentes, cuja força ainda deve estar alli no *Campo de S. Domingos* !

*Força ! Campo de S. Domingos !* repetiu com o riso da incredulidade o provincial.

— *Tiradentes !* exclamou frei João Baptista de Santa. Rosa, e ha que tempos foi isso !

— Estarei eu então doido, meus irmãos ! Ou como o philosopho Emênides estaria a dormir ha dezenas de annos n'alguma caverna ! E frei José do Desterro passou o seu velho e puido lenço de alcobaça pela testa, innundada de frio suor, como querendo renovar as suas idéas.

— Se não está, parece, murmurou o provincial ao ouvido de frei Santa Rosa, mas não tão baixo que não ouvisse o velho guardião.

— Por S. Antonio ! bradou elle, me levem ahi a alguma das janellas do segundo andar que olham para o lado do occidente.

Fizeram-lhe a vontade, e conduziram-no a uma das janellas da sala em que se barbavam os frades.

---

Radiante de prazer e de triumpho apontou o frade para o *Campo de S. Domingos*, aonde se agglomerava o povo.

— La está *ella*, exclamou frei José do Desterro apontando a força em que padeceu o Tiradentes.....

E a montanha extremeceu como se uma erupção a saccudisse.

Saudava a artilheria á estatua equestre do fundador do Imperio, cujo veio cahia ao acceno de seu augusto filho.

E em entusiastica acclamação repetia o povo o grito do Ypiranga:

— Independencia ou morte !

---

— O que é isso! perguntou frei José do Desterro, admirado, — pasmo, — estúpido, fóra de si.

— E', afirmou-lhe frei Antonio do Coracção de Maria a inauguração da estatua equestre do fundador do Imperio D. Pedro I, o principe regente, o filho de D. João VI que se retirou para a Europa depois de ter estado aqui como rei. Então D. Pedro se poz a testa do movimento nacional e nos campos do Ypiranga proclamou a Independencia do Brazil, cousa ha tanto tempo sonhada pelos inconfidentes mineiros que acabaram no patibulo ou no desterro.

— E a que tempo vae isso? Não aconteceu n'um dia?

— Não, afirmou o provincial a rir-se, ha ja quarenta annos que se proclamou a independencia.

— Ha quarenta annos! repetiu o velho frade admirado, passando a mão pela cabeça, como se a memoria lhe fugisse ou lhe faltasse o juizo.

— Não vê aquella tenda toda ornada de flores e auriflammas — onde se entoa agora *Te Deum Laudamus* — onde Francisco Manuel rege com a batuta de Segismundo Newkomm a mais de duzentos musicos e seiscentos cantores, e faz parte da orchestra uma companhia de fuzileiros que com o tiroscio imita o rufo dos tambores, e a artilheria com o ronco do canhão semelha o bater do bumbo? Pois alli está o filho do fundador do imperio, o imperador D. Pedro II; a imperatriz D. Thereza, e toda a sua côrte; os grandes, os sabios, e todo o povo e os estrangeiros que habitam no paiz, a tropa e a guarda nacional.

— E como se transformou tudo isso n'um instante? insistiu elle.

O provincial e o novo guardião se olharam, sem dizerem palavra, mas um velho e cego frade que chegou conduzido pelo braço de outro, attrahido pela noticia que corria no convento e que fora instruido de tudo quanto se passára, dice que ouvira contar por tra-

dicção que o guardião que assistira aos últimos momentos do Tiradentes não voltára mais ao convento, e que apesar de ser cousa incrível, seria aquelle sem duvida, e beijou-lhe a mão levado pelo respeito que lhe infundia a sua idade legendaria.

Persignou-se frei José do Desterro como que para firmar-se na fé.

N'um quarto de giro do sol tinham se passado para elle — sem o saber — setenta annos, como para Emenides correram setenta e cinco annos durante um somno, ou para o Alfus, o monge de Olmutz decorreram cem annos que tanto levou'elle em sua visão! Carregava pois o velho guardião o pezado fardo de mais de um seculo de existencia!

Succederam-se os mais estrondosos acontecimentos em torno de si sem que dêsse por elles!

Nem a chegada da familia real — nem a morte da rainha-mãe — nem a aclamação de Dom João VI — nem a fundação do imperio por Dom Pedro I — nem a revolução de 7 de

Abril de 1831 — nem o triumpho do pulpito de seu convento, onde brilharam em toda a sua pompa e gloria os Rodovalhos, os Sampaivos, os S. Carlos e os Monte Alvernes, — os reis da oratoria evangelica — o arrancaram d'aquella visão que ainda lhe parecia agora um sonho, um incantamento.

Comprehendeu então a lição que lhe dera a Providencia divina, a qual fortalece na fé os fracos que a interrogam, e pediu que o deixassem recolher-se a sua cella ou a outra qualquer, pois sentia que a vida fugia-lhe.

---

## EPILOGO

O afamado e vasto convento de S. Antonio cahia em ruinas.... esbroava-se....

As salas estavam desertas.... abandonadas...

De sessenta frades que deixara frei José do Desterro encontrava meia duzia, e entre elles um cego...

Era frei Francisco de Monte Alverne — o Homero do pulpito — o qual ouviu a sua confissão e recebeu o seu ultimo suspiro.

FIM





# BIBLIOTHECA UNIVERSAL

COLLEÇÃO IN-8<sup>o</sup> A 2<sup>o</sup> O VOLUME BROCHADO

<b>Alencar (F. de).</b> — O Sertanejo, 2 v. enc.....	60000
— Ubirajara, lenda tupy. 1 v. enc.....	38000
— O Ermitão da Gloria, A alma do Lazaro, 1 v. enc.	38000
— O Garatoja, chronica dos tempos coloniaes, 1 v. enc.	38000
— Iracema, lenda do Ceará, 2 <sup>a</sup> ed. 1 v. enc.....	38000
— Vinvinha, e os Cinco minutos 2 <sup>a</sup> ed. 1 v. enc.....	38000
<b>Borreau (J. B.)</b> — Como e porque me tornei espirita, 1 v. in-8, enc.....	25500
<b>Brown.</b> — Viagem no dorso de uma baleia, 1 v. enc...	38000
<b>Daudet.</b> — O Nabab, 2 v. enc.....	68000
<b>Debay.</b> — Hygiene e physiologia do amor, 1 v. enc....	88000
<b>Dinarte (Silvio).</b> — Mucidade de Trajano, 2 v. enc...	68000
— Historias Brasileiras, 1 v. enc.....	18000
— Narrativas militares, 1 v. enc.....	38000
<b>Fouillet.</b> — Os amores de Philippe, 1 v. enc.....	88000
<b>Flammario.</b> — Deus e a natureza, 2 v. enc.....	68000
— Pluralidade dos mundos habitados, 2 v. enc....	68000
<b>Frank (E).</b> — Mariposas, romance brasileiro, 2 v. enc.	68000
<b>G. M.</b> — Senhora, perfil de mulher, 2 v. enc.....	68000
— Luciola, perfil de mulher, 1 v. enc.....	38000
— Diva, perfil de mulher, 1 v. enc.....	38000
<b>Gontran Borys.</b> — Os Vadios de Paris, 2 v. enc....	68000
<b>Gabriel Ferry.</b> — O Mateiro, 3 v. enc.....	98000
<b>Guimarães (Bernardo).</b> — A Escrava Laura, 1 v. enc.	38000
— O Ermitão de Muquem 1 v. enc.....	38000
— O Seminarista, romance brasileiro, 1 v. enc.....	38000
— Lendas e romances. 1 v. enc.....	38000
— O Garimpeiro, romance, 1 v. enc.....	38000
— Historias e tradições da provincia de Minas Geraes, A cabeça do Tira Dentes. 1 v. enc.....	38000
— Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rei, 2 v. enc	68000
— Novas poesias, 1 v. enc.....	38000
— A ilha maldita. — O pão de ouro, 1 v. enc.....	38000
<b>Guimarães Junior.</b> — Nocturnos, 1 v. enc.....	38000
— Historias para Gente Alegre, 2 v. enc.....	58000
— Curvas e Zig-zags, caprichos humoristicos, 1 v. enc	88000
— Contos sem pretensão, 1 v. enc.....	28000
— Filigranas, 1 v. enc.....	38000
<b>Gautier (Theophilo).</b> — Mlle de Maupia, 1 v. in-8 enc	38000
— Novellas, 1 v. enc.....	38000
— O Rei Candale. Fortunio, 1 v. enc.....	88000
<b>Housayo (Arénio).</b> — O romance da duquesa. 1 v. enc.	38000
— Mlle Mariani, 1 v. enc.....	38000
— Cleopatra, historia parizense, 1 v. enc.....	38000
— O romance da mulher que amou, 1 v. enc.....	38000
<b>Landriot (Monsenhôr).</b> — A mulher forte, 1 v. enc..	38000
<b>Laurindo Rabello.</b> — Obras poeticas, 1 v. enc....	38000
<b>Ltais</b> — Supremacia intellectnal da raça latina, 1 v. enc	18000
<b>Lucio de Mendonça.</b> — Alvoradas, 1 v. enc.....	38000
<b>Macedo (J. M.)</b> — Um noivo a duas noivas, 3 v. enc..	88000
— A namorada, romance 3 v. enc.....	88000

— Nina, romance, 2 v. enc.....	2770
— As Mulheres de mantilha, rom. historico, 2 v. enc.	2771
— A Luneta magica, rom., 2 v. enc.....	2772
— Mereninho, 1 v. enc.....	2773
— Culto do deus, 1 v. enc.....	2774
— Memorias do Socrinho de meu Tio, 2 v. enc.....	2775
— O meço leiro, 2 v. enc.....	2776
— Os dois amores, 2 v. enc.....	2777
— Romances de Semana, 1 v. enc.....	2778
— Roex, 2 v. enc.....	2779
— A carteira de meu tio, nova edição, 1 v. in-8 enc.	2780
— O Rio de Quarto, 1 v. in-8, enc.....	2781
<b>Machado de Assis.</b> — Ressurreição, 1 v. enc.....	2782
— Historias da Meia-Noite, 1 v. enc.....	2783
— Chrysalidas, poesias, 1 v. enc.....	2784
— Contos Iluminados, 1 v. enc.....	2785
— Helena, 1 v. enc.....	2786
— Americanas, poesias, 1 v. enc.....	2787
<b>Moreira do Azevedo.</b> — Homens do passado, 1 v. enc.	2788
— Os Franczes no Rio de Janeiro, rom. libt., 1 v. cob.	2789
— Loursago de Mendonga, rom. hist., 1 v. enc.....	2790
— Criminosos celebrés e episodios historicos, 1 v. enc.	2791
— Curialidades Brasileiras, 1 v. enc.....	2792
<b>Pereira da Silva.</b> — Aspasia, romances, 1 v. enc....	2793
— Jeronymo Corte Real, 1 v. enc.....	2794
— Manoel de Horras, 1 v. enc.....	2795
<b>Rozendo Muniz.</b> — Pavaes travos, 1 v. enc.....	2796
<b>Souza.</b> — Guerra dos Mascates, 2 v. enc.....	2797
— O flanche, romance brasileiro, 2 v. enc.....	2798
— A pata da Gazella, romance brasileiro, 1 v. enc.	2799
— O tronco de Ipé, romance brasileiro, 2 v. enc.....	2800
— Sonhos d'ouro, romance brasileiro, 2 v. enc.....	2801
<b>Smiles.</b> — O poder da vontade, 1 v. enc.....	2802
<b>Vernes (Julio).</b> — O Chanceller, Martin Vaz, 1 v. enc.	2803
— A Jangada, 800 leguas sobre o Amazonas, 2 v. in-8 enc.	2804
— Viagem ao centro da terra, 1 v. enc.....	2805
— A ilha mysteriosa, 3 v. enc.....	2806
— Viagem ao redor do mundo em 80 dias, 1 v. enc.	2807
— Os Ilhas do capitão Grant, 3 v. enc.....	2808
— A terra das Felizes, 2 v. enc.....	2809
— Da terra á lua, 1 v. enc.....	2810
— Ao redor da lua, 1 v. enc.....	2811
— O donator Oz, 1 v. enc.....	2812
— Aventuras de tres Russos e de tres Ingleses, 1 v. enc.	2813
— Cinco semanas em balão, 1 v. enc.....	2814
— Uma cidade fluctuante, 1 v. enc.....	2815
— Desembarimento prodigioso, 1 v. enc.....	2816
— Miguel Strogoff ou o cerco do Casar, 2 v. enc.....	2817
— As Indias Negras, 1 v. enc.....	2818
— Heitor Serrador, 2 v. enc.....	2819
— Grandes viagens e grandes viajantes, 1 v. enc.....	2820
— Tribulações de um chinês na China, 1 v. enc.....	2821
— Os Navegantes do XVIII século, partes 1ª e 2ª enc.....	2822
— Quinhentos milhões da Begum, 1 v. enc.....	2823
— A casa a vapor, 2 v. enc.....	2824





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).